

Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia - 2019

17 e 18 de Junho de 2019

Livro de Programação e Resumos Expandidos

Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG/UFES
Prédio Professora Barbara Weinberg Campus de Goiabeiras
Av. Fernando Ferrari, 514 Goiabeiras - CEP: 29.075-910
Vitória – ES
<http://www.geo.ufes.br/pos-graduacao>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS – CCHN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGG

SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - 2019

Livro de Programação e Resumos Expandidos

Vitória – ES

- 2019 -

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS – CCHN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGG

**SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - 2019**

- IMPORTANTE -

O conteúdo dos resumos publicados é de inteira responsabilidade de seus autores

Inclui os resumos enviados até o prazo limite estabelecido pelo PPGG/UFES

PPGG

Programa de Pós Graduação
em Geografia - UFES



COMISSÃO ORGANIZADORA

André Luiz N. Coelho (Linha: Dinâmicas dos Territórios e da Natureza)

Eberval Marchioro (Linha: Dinâmicas dos Territórios e da Natureza)

Ednelson Mariano Dota (Linha: Estudos Urbanos e Regionais)

Rafael de Castro Catão**

***Prof. do Depto. de Geografia convidado para representar a Linha Espaço, Cultura e Linguagens*

ORGANIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO DO LIVRO DE PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

André Luiz N. Coelho

Ednelson Mariano Dota

COORDENADOR DO PPGG

Antonio Carlos Queiroz Do Ó Filho

CORPO DOCENTE DO PPGG - 2019

Ana Carolina Gonçalves Leite

Ana Lucy Oliveira Freire

Andre Luiz Nascentes Coelho

Antonio Carlos Queiroz Do Ó Filho

Aurélia Hermínia Castiglioni

Carlos Teixeira de Campos Júnior

Carlos Walter Porto Gonçalves

Cássio Arruda Boechat

Celeste Ciccarone

Cláudia Câmara do Vale

Cláudio Luiz Zanotelli

Dieter Carl Ernst Heino Muehe

Eberval Marchioro

Ednelson Mariano Dota

Edson Soares Fialho

Eneida Maria Souza Mendonça

Gisele Girardi

Igor Martins Medeiros Robaina

Jacqueline Albino

Julio César Bentivoglio

Luis Carlos Tosta dos Reis

Luiza Leonardi Bricalli

Paulo César Scarim

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - UFES

Endereço: Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Centro de Ciências Humanas e Naturais - CCHN Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGG

Prédio Professora Barbara Weinberg Campus de Goiabeiras

Av. Fernando Ferrari, 514 Goiabeiras, Vitória – ES

CEP: 29.075-910

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
PROGRAMAÇÃO GERAL	3
Linha Dinâmica dos Territórios e da Natureza	7
Julia Frederica Effgen	8
Maria Luisa Monks de Paula	12
Simoni Pereira das Posses	16
Linha Estudos Urbanos e Regionais	20
Elizete da Nêiva Moreira	21
Lucas Barata Wingler	26
Malena Ramos Silva	30
Merci Pereira Fardin	35
Roberto Garcia Simões	39
Vinicius Lima Lemes	42
Linha Espaço, Cultura e Linguagens	46
André Azoury Vargas	47
André Erler Tonini	51
Cleriston Boechat de Oliveira	54
Douglas Gonçalves da Silva	58
Fernanda Barboza dos Santos	63
Lorena Andrea Torres Higuera	66
Luiza Santos Alves	72
Macon Lemos Sathler	75
Patrícia Silva Leal Coelho	78
Rafael Henrique Meneghelli Fafá Borges	82
Schirley Holz	85
Vitor Mendes Goulart	89

Apresentação

PPGG

Programa de Pós Graduação
em Geografia - UFES



SOBRE O PPGG/UFES

O curso de Pós-Graduação em Geografia tem sua sede em Vitória-ES, oferecendo o curso de Doutorado em Geografia desde 2015 e o curso de Mestrado em Geografia desde 2007 e mantém um perfil de qualificação acadêmica atestado pela CAPES.

Tem por objetivo capacitar recursos humanos para o exercício da atividade docente e das atividades ligadas à Geografia, para produzir e multiplicar conhecimentos científicos e tecnológicos, para fomentar o desenvolvimento da pesquisa nas áreas específicas de conhecimento, bem como para fortalecer as áreas de estudos afins já existentes na UFES, ampliando os vínculos entre elas.

OBJETIVO DO SEMINÁRIO

Permitir o debate e a troca de experiências relativas às pesquisas para a elaboração das dissertações e teses realizadas pelos estudantes do PPGG – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Ufes. Expor as linhas de pesquisas e a produção científica do PPGG permitindo uma interlocução com o conjunto dos membros do programa e com a comunidade acadêmica.

JUSTIFICATIVA

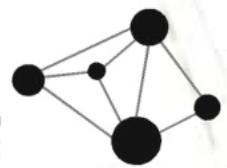
O Seminário tem o propósito de dar visibilidade e tornar públicas às pesquisas dos alunos de mestrado e de doutorado em andamento no programa de Geografia em suas três diferentes linhas de pesquisas: Dinâmicas do território e da natureza; Estudos urbanos e regionais e Espaço, cultura e linguagem; os debates, intervenções e orientações possibilitadas pelo evento contribuem para o desenvolvimento das pesquisas apresentadas.

PÚBLICO

Estudantes e professores do PPGG, pesquisadores em geral interessados nas temáticas relativas às linhas do PPGG – Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFES: Dinâmicas dos Territórios e da Natureza; Espaço, Cultura e Linguagens; Estudos Urbanos e regionais.

Programação Geral

PPGG
Programa de Pós Graduação
em Geografia - UFES



Local: Auditório do IC-II

DATA: 17/06/2019

MESA DE ABERTURA: 09:00 - 10:00 hs

Professor Dr. Antonio Carlos Queiroz Ó Filho
Coordenador em Exercício do PPGG

Professor Dr. Neyval Costa Reis Junior
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

PALESTRA DE ABERTURA: 10:20 – 11:00 hs

Marcelo Werner da Silva
Convidado Externo

Tema:
A RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPO NA GEOGRAFIA E A ACELERAÇÃO DO MUNDO ATUAL

Mesa 1

Local: Auditório do IC II

Data: 17/06/2019

Linha: Dinâmicas dos Territórios e da Natureza

Mediador: Prof. Dr. André Luiz N. Coelho

HORÁRIO	DISCENTE	TÍTULO DA PESQUISA
13:40 - 14:00	Maria Luisa Monks de Paula	Mapeamento termohigrométrico das regionais administrativas de Goiabeiras e Jardim da Penha, Vitória – ES
14:00 - 14:20	Ricardo Venturini Junior	**
14:20 - 14:40	Simoni Pereira das Posses	Condicionamento Neotectônico Na Drenagem da Bacia do Rio Bananal – Espírito Santo – Brasil
14:40 - 15:10	Julia Frederica Effgen	Avaliação de Risco a Movimentos de Massa em Vitória-ES
15:10 - 15:50	Discussão dos trabalhos e Intervalo	

** Não enviou ou título do trabalho/pesquisa no prazo estabelecido pela secretaria da pós.

Mesa 2

Local: Auditório do IC II

Data: 17/06/2019

Linha: Estudos urbanos e regionais

Mediador: Ednelson Mariano Dota

HORÁRIO	DISCENTE	TÍTULO DA PESQUISA
15:50 - 16:10	Vinicius Lima Lemes	Para onde vai a periferia? Análise Sobre a Produção do Espaço Periférico e a Reprodução do Capital Imobiliário: O caso dos bairros Feu Rosa e Boulevard Lagoa - Serra/ES.
16:10 - 16:30	Malena Ramos Silva	Características Espaciais dos Deslocamentos Pendulares e o Potencial de Uso da Bicicleta Nesses Deslocamentos na Cidade de Vitória.
16:30 - 16:50	Lucas Barata Wingler	Cinemas e Centralidade: Relações e Processos na Constituição do Espaço Urbano de Vitória.
16:50 - 17:10	Elizete da Nêiva Moreira	“Dádivas da Natureza” e a Disputa Pelo Mais-Valor: O caso da exploração de rochas ornamentais no Espírito Santo.
17:10 - 17:30	Merci Pereira Fardin	A Financeirização da Produção do Espaço: Estado e indústria subordinados ao capital fictício.
17:30 - 17:50	Roberto Garcia Simões	Análise da Segmentaridade do Espaço Alinhando Conceitos de Espinosa e Deleuze: Desalinhando o Repensar das Escalas e a Contraposição do “Sem”
17:50 - 18:30	Discussão dos trabalhos e Encerramento	

Mesa 3

Local: Auditório do IC II

Data: 18/06/2019

Linha: Espaço, Cultura e Linguagens

Mediador: Igor Martins Medeiros Robaina

HORÁRIO	DISCENTE	TÍTULO DA PESQUISA
08:20 - 08:40	Maicon Lemos Sathler	A Paisagem do Sagrado no Município de Vitória: um estudo sobre o Monte Horebe.
08:40 - 09:00	Bianca Pavan Piccoli	Pescadores de Itapina, Colatina/ES: Rompimento da Barragem de Rejeitos da Samarco e o Espaço Herdado em Transformação.
09:00 - 09:20	Douglas Gonçalves da Silva	A Geografia crítica e sua relação com a Cartografia.
09:20 - 09:40	André Erler Tonini	O ordenamento territorial e a descentralização do poder no processo de emancipação de novos municípios no Brasil. O caso de Pedra Azul do Aracê, ES.

09:40 - 10:20	Discussão dos trabalhos e intervalo	
10:20 - 10:40	Fernanda Barboza dos Santos	Segregação do espaço urbano em Viana (ES): Apontamentos sobre a dinâmica recente no bairro de Vila Bethânia (2012-2018).
10:40 - 11:00	Schirley Holz	O Processo de Verticalização na orla Litorânea de Vila Velha/ES: Os bairros Praia da Costa, Itapoã e Praia de Itaparica.
11:00 - 11:20	André Azoury Vargas	O Estudo do Território e Alimentação no Contexto de Luta da Comunidade de Areal - Rio Doce (Linhares-ES).
11:20 - 11:40	Vítor Mendes Goulart	Festas, Alimentos e Comum: Território e Cultura na Foz do Rio Doce
11:40 - 12:30	Discussão dos Trabalhos e Encerramento	

Mesa 4

Local: Auditório do IC II

Data: 18/06/2019

Linha: Espaço, Cultura e Linguagens

Mediador: Igor Martins Medeiros Robaina

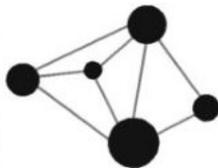
HORÁRIO	DISCENTE	TÍTULO DA PESQUISA
14:00 - 14:20	Lorena Andrea Torres Higuera	Complexo Logístico Intermodal Porto Sul: Reconfigurações territoriais e processos de regionalização minério-industrial no sul da Bahia (2008-2019).
14:20 - 14:40	Luiza Santos Alves	Mulheres, Espaço e Alimentação
14:40 - 15:10	Patrícia Silva Leal Coelho	As Potências das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação Acessíveis nos Processos de Mapeamentos da Atualidade: Desafios da Cartografia Escolar
15:10 - 15:30	Rafael Henrique Meneghelli Fafá Borges	A Cidade, as Cidades: Cenas Cotidianas e Narrativas de um Transeunte
15:30 - 15:50	Cleriston Boechat de Oliveira	Ato Fotográfico, Ato Geográfico: A Fotografia de Rua como Experiência Cidadina.
15:50 - 16:20	Discussão dos Trabalhos	
16:20 - 16:45	Considerações Finais e Encerramento	

Dinâmica dos Territórios e da Natureza

PPGG

Programa de Pós Graduação
em Geografia - UFES





AVALIAÇÃO DE RISCO A MOVIMENTOS DE MASSA EM VITÓRIA/ES

LINHA DE PESQUISA: Dinâmicas dos Territórios e da Natureza

JULIA FREDERICA EFFGEN

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFES
Turma 2018 – juliaeffgen@gmail.com
Orientador: Prof. Dr. Eberval Marchioro

RESUMO

A cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, tem cerca de 97km² de área e aproximadamente 360 mil habitantes. Em função das características do relevo, Vitória apresenta propensão a ocorrência de movimentos de massa, tais como: corridas, escorregamentos translacionais e rotacionais, rastejos e quedas/tombamentos de blocos. O mais famoso dos eventos foi o que ficou conhecido como a tragédia do Morro do Macaco, com a ocorrência de desprendimento e queda de um bloco rochoso de quase 150 toneladas após fortes chuvas, provocando uma grande corrida de rochas e solo, deixando 40 mortes e 150 feridos, diversos desaparecidos e centenas de famílias desabrigadas.

As condições naturais associadas a interferência antrópica corroboram para movimentos de massa ao longo do tempo histórico, tornando o mapeamento preditivo de risco essencial na mitigação dos efeitos negativos decorrentes de movimentos de massa, os quais provocam mortes e perdas econômicas em grande parte do mundo, com destaque para nações em desenvolvimento. Assim, o objetivo geral deste trabalho é verificar a distribuição espacial do risco a movimentos de massa em Vitória. O risco é dado em função da suscetibilidade (*susceptibility*), perigo (*hazard*) e vulnerabilidade (*vulnerability*).

A suscetibilidade é a chance de um evento de movimento de massa ocorrer em uma área com base em características locais do terreno. O cálculo da suscetibilidade será feito através de métodos quantitativos bivariados e multivariados (valor informativo e regressão logística), com os laudos elaborados pela Prefeitura Municipal de Vitória como base. Os pontos serão cruzados com diversos mapas de fatores condicionantes (tipos de rochas, declividade, curvaturas das encostas, hidrologia, geomorfologia, usos da terra). Uma análise preliminar da distribuição dos laudos mostrou que 39,31% dos registros estão na Regional III – Jucutuquara e 18,41% na Regional IV – Maruípe. Entre os bairros, os que tem a maior quantidade de registros são os de Gurigica (13,14%), Forte São João (8%) e Conquista (6,76%).

O perigo (*hazard*) é dado em função da suscetibilidade. Além de prever *onde* (suscetibilidade, aspecto espacial) um movimento de massa ocorrerá, é previsto *quando* ou a *frequência* (aspecto temporal) e a magnitude do evento (danos, tamanho, dimensão). A partir da análise dos laudos, será determinada a

frequência que movimentos de massa ocorrem (em movimentos de massa/km²/ano, por exemplo) e os danos que causam.

A vulnerabilidade a desastres é, grosso modo, a medida do potencial de perdas. Pode ser abordada de diferentes formas dependendo da disciplina a qual o pesquisador é ligado, por exemplo, sociólogos medem como a população se recupera de um desastre, enquanto engenheiros exploram os impactos a estruturas construídas e economistas medem as perdas econômicas.

O Índice de Vulnerabilidade Social preliminar foi construído a partir de 44 variáveis explicativas extraídas do SIDRA/IBGE e do site da Prefeitura Municipal de Vitória, como faixas de idade da população, raça/cor, renda, densidade de edificações de saúde, lazer, atividades econômicas (comércio, indústria e serviços), crescimento populacional, características da moradia (quantidade de pessoas, esgotamento sanitário, luz elétrica). Através da Análise de Componentes Principais, as variáveis foram reduzidas para 34 variáveis explicativas significativas e agrupadas em 8 componentes principais (segundo o critério de Kaiser e representando 76,1% da variância dos dados), com sinais compatíveis com o aumento ou diminuição da vulnerabilidade (positivo/negativo). O mapeamento do índice é dado através da somatória das componentes e classificação em desvios padrão.

A primeira componente principal foi denominada “população jovem, em aglomeração e de cor/raça preta” e responde por 29,26% da variância total dos dados. O sinal atribuído é positivo (ou seja, os coeficientes contribuem para o aumento da vulnerabilidade). O fator de proporção de adultos tem a correlação mais alta, porém negativa (-0,904), seguido pelos de proporção de jovens de 15-19 anos e crianças com menos de 4 anos (0,892 e 0,806). A segunda componente principal é a de “alfabetização, idade e renda per capita”, com 12,57% da variância dos dados e sinal negativo atribuído. A proporção da população alfabetizada tem a correlação mais forte (0,890), seguida pela proporção de pardos (-0,843). A terceira componente é denominada “atividades econômicas de segundo e terceiro setor, escolas e hospitais”, com sinal atribuído negativo e 10,05% da variância dos dados. Os dois fatores mais fortes nesta componente são os de quantidade de estruturas de sociedade civil (0,823) e atividade de serviços (0,784). A quarta componente foi denominada “áreas de alta densidade populacional, com maioria feminina, com mulheres chefes de família e estruturas de assistência social”, com sinal positivo e 7,07% da variância. Os dois fatores principais são de densidade populacional (0,796) e proporção de mulheres (0,629). A quinta componente é a de atividades econômicas de primeiro setor (agropecuária, extrativista e pesca), com sinal positivo e 5,34% da variância dos dados. As atividades agropecuária, extrativista e pesca apresentam correlações de 0,871, 0,752 e 0,611, respectivamente.

A proporção de pessoas indígenas e amarelas formam o sexto componente principal, representando 4,83% da variância dos dados e com sinal positivo. As correlações são de 0,816 e 0,799. O sétimo componente principal representa o crescimento populacional, com sinal positivo e 3,60% da variância dos dados. O fator crescimento populacional tem 0,815 de correlação.

O último componente tem sinal absoluto, representa 3,38% da variância dos dados e foi denominado “características de moradias”. Os dois fatores correlatos são de proporção de moradores pagando aluguel (0,774) e proporção de moradias sem esgotamento sanitário (-0,533).

PALAVRAS-CHAVE: Escorregamentos; Suscetibilidade; Perigo; Índice de Vulnerabilidade Social (SoVI).

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Semestres	1	2	3	4	5	6	7	8
Etapas de Pesquisa								
Carga horária obrigatória	●	●	■					
Levantamento, análise e revisão bibliográfica	●	●	■					
Coleta e processamento de dados cartográficos	●	●	■					
Leitura, sistematização e análise de laudos	●	●	■					
Escrita inicial da tese				○				
Exame de qualificação					○			
Mapeamentos, validações e comparações			■	○	○			
Escrita da tese (redação final)						○		
Revisão							○	
Apresentação e defesa							○	
Entrega da versão final								○

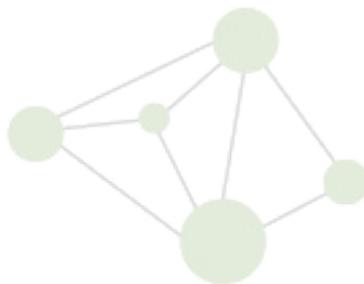
- – etapa cumprida
- – etapa em desenvolvimento
- – etapa planejada

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

- 1) BARELLA, C. F. **Abordagens estatísticas aplicadas ao mapeamento de susceptibilidade a movimentos de massa:** análise de diferentes técnicas no contexto do Quadrilátero Ferrífero. 2016. 253 p. Tese (Doutorado em Geotecnia) – Programa de Pós-Graduação em Geotecnia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016.
- 2) BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial>>. Acesso em: 16 abr. 2019. 2019a.
- 3) _____. **Vitória.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/es/vitoria.html?>>. Acesso em: 04 jun. 2019. 2019b.
- 4) CAMPOS JUNIOR, G. Morro do Macaco: a tragédia que o Espírito Santo não esquece. **Gazeta Online.** Vitória, 28 set. 2018. Cidades: Eu Estive Lá, p. 1-1. Disponível em: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2018/09/morro-do-macaco-a-tragedia-que-o-espírito-santo-nao-esquece-1014149985.html>>. Acesso em: 03 jun. 2019.
- 5) COROMINAS, J. et al. Recommendations for the quantitative analysis of landslide risk. **Bulletin of Engineering Geology and the Environment**, v. 73, n. 2, p. 209–263, 2014.
- 6) CUTTER, S. L.; BORUFF, B. J.; SHIRLEY, W. L. Social vulnerability to environmental hazards. **Social Science Quarterly**, v. 84, n. 2, p. 242–261, 2003.
- 7) GUILLARD-GONÇALVES, C. et al. Application of Social Vulnerability Index (SoVI) and delineation of natural risk zones in Greater Lisbon, Portugal. **Journal of Risk Research**, v. 18, n. 5, p. 651–674, 28 maio 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/13669877.2014.910689>>.
- 8) GUZZETTI, F. **Landslide hazard and risk assessment.** 2005. 373 f. RHEINISCHEN FRIEDRICH-WILHELMS-UNIVESTITÄT BONN, Bonn, 2005. Disponível em: <<http://geomorphology.irpi.cnr.it/Members/fausto/PhD-dissertation>>.

9) VITÓRIA. PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Vitória em Dados**. Vitória, 2016. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/home.asp>>. Acesso em: 20 maio 2016.

10) _____. **Laudos Geológico-Geotécnicos**: 1999-2018. Vitória, 2018. Obs.: obtidos diretamente com a Secretaria Municipal de Obras e Habitação, via Sr. Anderson Ascânio M. de Almeida, em 2018.





Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia - 2019
Universidade Federal do Espírito Santo
17 a 18 de Junho de 2019
Vitória - ES

MAPEAMENTO TERMOHIGROMÉTRICO DAS REGIONAIS ADMINISTRATIVAS DE GOIABEIRAS E JARDIM DA PENHA, VITÓRIA - ES

LINHA DE PESQUISA: Dinâmicas dos Territórios e da Natureza

MARIA LUISA MONKS DE PAULA

Mestrando/Doutorando do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.
Turma 2018/1. E-mail: luisamonks@hotmail.com
Orientador: Prof. Dr. Edson Soares Fialho

RESUMO

Este estudo busca analisar o comportamento termohigrométrico das Regionais Jardim da Penha e Goiabeiras, no município de Vitória (ES), em situação sazonal de verão e inverno, através de técnica de transecto móvel e pontos fixos conforme proposta utilizada por FIALHO e QUINA, 2016. Com objetivo de identificar se possíveis mudanças de uso e ocupação do solo associados com características do relevo, influenciam diretamente na temperatura do ar e na umidade relativa do ar. A fim de contribuir no entendimento sobre o comportamento termohigrométrico em cidades de clima tropical úmido, sobretudo com a possível interferência do litoral.

OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Analisar o campo termohigrométrico na área de estudo, tanto no período seco (Inverno) como no chuvoso (verão);
- Correlacionar o campo termohigrométrico da área em estudo com seus diferentes padrões de usos e ocupação da terra e dinâmicas urbanas;
- Identificar e avaliar a influência dos fatores urbanos no comportamento do campo termohigrométrico.
- Identificar e avaliar a influência o comportamento do campo termohigrométrico em área litorânea.

METODOLOGIA

Para o estudo do mapeamento termohigrométrico de Vitória - ES foi necessário realizar levantamento conceitual-teórico e documental em livros, teses, dissertações, monografias, artigos, documentos oficiais.

As técnicas utilizadas foram apoiadas nos estudos desenvolvidos pelo Laboratório de Biogeografia e Climatologia da Universidade Federal de Viçosa (BIOCLIMA). Tal metodologia baseou-se nas proposições de Fialho (2009, 2012 e 2015); Rocha; Fialho (2010), Ferreira (2015), Fialho et al. (2015) Fialho; Quina (2016) cuja técnica de coleta estabelece pontos fixos e transects móveis.

Em um primeiro momento foi realizada a calibragem e aferição dos equipamentos, com objetivo de assegurar a veracidade dos dados mensurados em campo. Para isso os Dataloggers modelo Hobo U-12 foram submetidos a procedimentos de calibragem e aferições em laboratório e em campo.

Após foram instalados x Dataloggers em mini abrigos meteorológicos, dispersos dentro da área de estudo.

No que diz respeito à Realização dos transects moveis, onde foram coletados dados de temperatura do ar, umidade relativa do ar, velocidade do vento e luminosidade, foi realizado um campo no dia 17/03, com coleta das informações nos horários de 09:00, 15:00 e 20:00 horas. Para tal foram utilizados um carro para deslocamento no trajeto pré-estabelecido, o Termohigrômetro modelo MINIPA MT-241 e abrigo de PVC; para a coleta de temperatura do ar e umidade relativa do ar, o Anemômetro digital portátil modelo AD- 250; para registro da velocidade do vento e o Auto digital Lux Meter modelo Victor 1010A; para a luminosidade.

Para o próximo semestre será necessário ir a campo novamente para coleta de dados referente a estação inverno, para que posteriormente sejam analisados e combinados em gabinete, juntamente com as informações de uso e ocupação do solo, projeção horizontal das edificações, curvas de nível, dados de valores médios mensais de precipitações, entre outras informações.

Para o armazenamento, processamento, identificação, classificação e apresentação das informações do espaço geográfico estudado, serão utilizadas técnicas de interpolação de dados em ambiente de Sistema de Informação

Geográfica (SIG), que são amplamente utilizados nos estudos de mapeamento urbano.

Por fim, caberá na última etapa a discussão dos resultados obtidos e a conclusão.

RESULTADOS INICIAIS

Até o presente momento não foi possível gerar resultados. Foi feita a coleta dos dados referente a estação chuvosa (verão) e tabelado os dados. Porém a análise, assim como, a coleta de dados da estação seca (inverno), serão feitas no segundo semestre de 2019.

PALAVRAS-CHAVE

Mapeamento Termohigrométrico; Clima Urbano; Zona Litorânea; Vitória/ES.

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Distribuição das atividades ao longo dos meses

Ano	Atividade	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2018	1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	2							X	X	X	X	X	X
2019	2	X	X	X	X	X	X						
	3			X	X			X	X				
	4						X	X	X	X			
	5									X	X	X	X

Atividades

- 1- Cumprimento das disciplinas
- 2- Revisão bibliográfica
- 3- Coleta de dados espaciais e climáticos.
- 4- Tratamento dos dados obtidos e a elaboração dos mapas
- 5- Análise e discussão dos resultados obtidos; defesa e últimas considerações do trabalho e finalização do mesmo

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

AYOADE, J. O. Introdução à climatologia para os trópicos. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

BRANDÃO, A. M. de P. M. O clima urbano da cidade do Rio de Janeiro. In: MONTEIRO, C. A. F.; MENDONÇA F. de A. (ORG). Clima urbano, 2. ed., 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, p 121 – 155, 2015

CORREA, W. de S. C. Campo térmico e higrométrico da Regional Praia do Canto no município de Vitória – ES. (Dissertação de Mestrado), p. 165. Centro de Ciências Humanas e Naturais – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

FIALHO, E. S. - Ilha de calor em cidade de pequeno porte: um caso de Viçosa, na Zona da Mata Mineira. (Tese de Doutorado em Geografia Física), p. 248. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2009.

FIALHO, E. S.; QUINA, R. R. Análise das diferenças térmicas entre o campo e a cidade em situação sazonal de verão, em 2014, no município de Viçosa (MG). Revista Entre-Lugar, Dourados, v. 7, n. 14. 2016.

GARTLAND, Lisa. Ilhas de calor: como mitigar zonas de calor em áreas urbanas. São Paulo: Oficina de Textos, 2010. 248 p.

MENDONÇA, M.; LOMBARDO, M. A. El clima urbano de ciudades subtropicales costeras atlánticas: el caso de la conurbación de Florianópolis. Revista de Geografía Norte Grande. Santiago do Chile, v. 44, p.129-141. 2009.

MONTEIRO, C. A. F. Teoria e Clima Urbano. In: MONTEIRO, C. A. F.; MENDONÇA F. de A. (ORG). Clima urbano, 2. ed., 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p 9 – 68.

OLIVEIRA, W. D. O campo térmico do distrito de Carapina – Serra/ES: Estudo de caso em áreas litorâneas. (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências Humanas e Naturais – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.



Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia - 2019
 Universidade Federal do Espírito Santo
 17 a 18 de Junho de 2019
 Vitória - ES

CONDICIONAMENTO NEOTECTÔNICO NA DRENAGEM DA BACIA DO RIO BANANAL – ESPÍRITO SANTO – BRASIL

Dinâmica dos Territórios e da Natureza

SIMONI PEREIRA DAS POSSES

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.
 Turma 2018. E-mail: simoniposses@gmail.com
 Orientador: Prof^a. Dr^a. Luiza Leonardi Bricalli

RESUMO

Além da importância social, política e econômica, o estudo da drenagem e seus padrões revelam importantes informações sobre o meio físico, em especial o geológico e o geomorfológico (LIMA, 2006).

De acordo com Holbrook e Schumm (1999), os aspectos das morfologias das paisagens atuais e da rede de drenagem podem refletir controle neotectônico, e a drenagem reflete mesmo os movimentos de menor amplitude, sendo assim considerada como um indicador particularmente sensível às movimentações tectônicas. Isso ocorre em função das drenagens se desenvolverem seguindo as linhas de maior declive do terreno, posto que se adaptam às linhas estruturais notadamente falhas e fraturas, mas também, dobras, domos, arqueamentos, caldeiras, desenhando feições características utilizadas como parâmetros de interpretação de estruturas de origem tectônica (BEZERRA, 2003).

É nesse contexto que se insere a pesquisa proposta para a área da bacia do rio Bananal, localizada na região Norte do estado do Espírito Santo. A mesma possui área de, aproximadamente, 404,15 km², faz divisa com o município de Governador Lindenberg e abrange boa parte do município de Rio Bananal e parte do município de Linhares. Muitos estudos sobre rede de drenagem e geomorfologia têm sido realizados no Brasil, inclusive na região sudeste, porém, no Espírito Santo há uma escassez desse tipo de pesquisa, uma vez que a bibliografia a respeito da rede de drenagem como suporte ao entendimento das manifestações neotectônicas no estado, ainda é muito escassa (BRICALLI, 2011).

Investigar o controle dos mecanismos neotectônicos na organização da rede de drenagem da bacia do rio Bananal – Espírito Santo, sudeste do Brasil – é o principal objeto de estudo desta pesquisa, e dentro desta perspectiva objetiva-se ainda correlacionar a análise da rede de drenagem com dados neotectônicos pré-existentes, identificar feições morfotectônicas e contribuir cientificamente com dados sobre a geomorfologia e geologia nas pesquisas sobre bacias hidrográficas do estado do Espírito Santo.

A metodologia utilizada na realização do estudo consiste em etapas de gabinete e de campo. Inicialmente estão sendo realizadas as atividades preparatórias como levantamentos bibliográficos e cartográficos a fim de pesquisar dados pré-existent e sistematizar as informações e posteriormente, serão realizados os trabalhos de campo. Mapas de anomalias de drenagem, padrão de drenagem, orientação de drenagem, hipsométrico, de lineamentos, gradiente hidráulico, mapa de superfícies de base, elaboração de perfis topográficos e cálculo de assimetria da bacia estão sendo elaborados, com a utilização do *software ArcGIS 10.1™* (ESRI, 2012), a fim de dar o suporte necessário à hipótese de que a bacia do rio Bananal encontra-se sob forte controle tectônico.

O mapa de anomalias de drenagem apresenta as seguintes anomalias: cotovelos de drenagem, curvas anômalas, drenagem colinear com divisores planos, trechos de retilinearidade, paralelismo, trechos de meandros comprimidos, drenagem convergente e divergente, vales assimétricos, estrangulamento de bacia e assimetria de bacia (HOWARD, 1967; COX, 1994; BISHOP, 1995; HOLBROOK e SCHUMM, 1999; BEZERRA, 2003; TWIDALE, 2004; LIMA, 2006; BRICALLI e MARIN, 2015), que apontam positivamente para o seu condicionamento tectônico, uma vez que as anomalias encontradas são citadas por diversos autores como características de drenagem com controle tectônico. Além disso, a bacia encontra-se inserida em uma região com presença de lagoas paralelas e retilíneas, também considerado como um aspecto de controle neotectônico na literatura.

As drenagens tendem a apresentar – devido à presença de manifestação tectônica, falhas, fraturas, dobras, soerguimentos, basculamentos – uma acomodação no terreno. Os cotovelos encontrados na área, por exemplo, tanto no rio principal, quanto em seus afluentes, são marcados por muitas inflexões da rede de drenagem. Essa anomalia ocorre quando há um desvio abrupto do canal, em forma de cotovelo, em um ângulo de aproximadamente de 90° (BEZERRA, 2003), de forma que a drenagem deixa de seguir um curso esperado como normal na natureza para se transformar em uma anomalia. As curvas anômalas, anomalia também muito presente na bacia, são ocasionadas, por exemplo, por soerguimento, quando a drenagem é levada a contorna-lo. Retilinearidade, outra anomalia importante na bacia, ocorre quando a drenagem é atraída para uma zona de falha ou fratura.

A assimetria de bacia pode evidenciar eventos tectônicos e constituir um excelente indicador de terrenos basculados (COX, 1994). O rio Bananal apresenta-se bastante deslocado em relação ao eixo central, o que caracteriza a grande assimetria apresentada na bacia. Neste contexto, a bacia estudada apresenta basculamento para Norte, apresentando vertente mais curta, posicionada no bloco soerguido, indicativa de movimentação vertical, e outra mais longa, posicionada no bloco rebaixado, sujeita a atração de drenagem e deposição (BEZERRA, 2003).

A bacia apresenta-se estrangulada em 5 trechos ao longo de toda bacia, apresentando áreas comprimidas na bacia.

Os padrões de drenagem observados na bacia do rio Bananal tiveram como base a classificação de Howard (1967). Os padrões encontrados são: retangular, angular, angular com influência do padrão retangular, subparalelo, angular com influência do padrão subparalelo e contorcido com influência do padrão subparalelo. De acordo com Howard (1967), o padrão retangular pode ser resultado do controle estabelecido por juntas e falhas em ângulos retos, na medida em que seus canais tendem a seguir essas linhas de fraqueza, e possui como seu tipo modificado o padrão angular. Os padrões retangular e angular, considerados como anômalos na literatura, são os padrões predominantes na bacia do rio Bananal.

Os mapas hipsométrico, de superfície de bases e de gradiente hidráulico foram elaborados, mas encontram-se em processo de análise.

Até o momento, as análises das características encontradas na área da bacia do rio Bananal indicam que a área pode ser controlada tectonicamente. Porém, essa hipótese só poderá ser confirmada a partir dos trabalhos de campo, caso forem encontradas falhas neotectônicas ou falhas regionais que coincidam com essas características.

PALAVRAS CHAVE: rede de drenagem; neotectônica; anomalias de drenagem; bacia do rio Bananal.

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

ATIVIDADES	ANO			
	1º		2º	
	SEMESTRES			
	1	2	3	4
Disciplinas da pós-graduação	■	■		
Levantamento de leitura de material bibliográfico	■	■	■	■
Pesquisa de bases cartográficas da área	■	■	■	
Mapa “padrões de drenagem” (escala 1:100.000)		■	■	
Mapa “anomalias de drenagem” (escala 1:100.000)		■	■	
Mapa de orientação da drenagem (diagrama de rosetas)			■	
Mapa de lineamentos			■	
Mapa hipsométrico		■	■	
Mapa de gradiente hidráulico			■	
Mapa de superfície de base			■	
Perfis topográficos			■	
Trabalhos de campo (levantamento de dados estruturais)			■	■
Correlação e interpretação dos resultados obtidos			■	■
Finalização da parte escrita e revisão da dissertação				■



Atividades concluídas



Atividades a serem concluídas

REFERÊNCIAS BIBLIORÁFICAS

BEZERRA, P.E.L. **Análise Estrutural da Drenagem**. IBGE. Belém, 2003.

BISHOP, P. **Drainage Rearrangement by River Capture, Beheading and Diversion**. *Progress in Physical Geography*, 19 (4):449-473, 1995.

BRICALLI, L. L. **Padrões de Lineamentos e Fraturamento Neotectônico no Estado do Espírito Santo (sudeste do Brasil)**. Tese (Doutorado em geologia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2011.

BRICALLI, L. L.; MARIN, S. P. **Anomalias e Padrões de Drenagem da Bacia do Rio Formates e Correlação com a Geologia e Deformação Neotectônica no Estado do Espírito Santo (Sudeste do Brasil)**. 2015. Disponível em: <<http://geosudeste.com.br/anais/ANAIS-GEOSUDESTE-2015-ST4.pdf>>. Acesso em: 03 agosto 2017.

COX, R.T. **Analysis of Drainage-basin Symmetry as a Rapid Technique to Identify Areas of Possible Quaternary Tilt Block Tectonics: as example from the Mississippi Embayment**. *Geological Society of America Bulletin*, 106: 571-581, 1994.

ESRI. **ArcGIS® 10 - ArcMap™ Tutorial**. 2012. Disponível em: <<http://resources.arcgis.com/en/help/main/10.1/>>. Acesso em: 15 agosto 2017.

HOLBROOK, J & SCHUMM, S.A. **Geomorphic and Sedimentary Response of Rivers to Tectonic Deformation: a brief review and critique of a tool for recognizing subtle epeirogenic deformation in modern and ancient settings**. *Tectonophysics*, 305: 287-306, 1999. Disponível em: <<http://www.nativefishlab.net/library/textpdf/20455.pdf>>. Acesso em: 28 agosto 2017.

HOWARD, A .D. **Drainage Analysis in Geologic Interpretation: a summation**. *American Association of Petroleum Geology Bulletin*, 51(11): 2246-2259, 1967.

LIMA, M.I.C. **Análise de Drenagem e seu Significado Geológico-geomorfológico**. Belém, 2006.

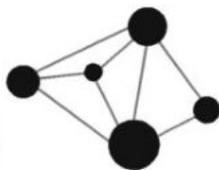
TWIDALE, C.R. **River Patterns and their Meaning** - *Earth-Science Reviews* 67 159–218, 2004. Disponível em: <http://www.geo.tu-freiberg.de/tektono/downloadfiles/Twidale,%20C.R.,%20River%20patterns,%20_Earth-Science%20Reviews_67,%202004.pdf>. Acesso em: 16 fevereiro 2019.

Estudos Urbanos e Regionais

PPGG

Programa de Pós Graduação
em Geografia - UFES





“DÁDIVAS DA NATUREZA” E A DISPUTA PELO VALOR: O CASO DA EXPLORAÇÃO DE ROCHAS ORNAMENTAIS NO ESPÍRITO SANTO

LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS

ELIZETE DA NEIVA MOREIRA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.

Turma 2018. E-mail: elizetenmoreira@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Carlos Teixeira de Campos Júnior

RESUMO

A pesquisa tem como propósito analisar o setor de rochas ornamentais no Espírito Santo (ES), desde a etapa de produção, passando pela realização até a distribuição do valor, procurando compreender como se desenvolvem as relações entre os diferentes agentes e interesses na disputa pelo valor; e ainda, pretende-se mapear as relações espaciais desenvolvidas por esse setor no Espírito Santo. Em outras palavras, partimos de dois questionamentos iniciais, que se desdobram em outros, na tentativa de apreender o movimento concreto do valor em um setor específico que explora uma “dádiva da natureza”: (I) Quais as particularidades da produção social da riqueza no setor de rochas ornamentais no Estado do Espírito Santo? e (II) Qual a espacialidade desenvolvida pelo movimento do valor (capital) nesse setor?

Isso posto, torna-se evidente o nosso desafio de enveredar pelo método marxista, o materialismo histórico e dialético, buscando oferecer uma contribuição crítica à geografia econômica e regional do Espírito Santo, através do estudo de um setor de grande impacto e relevância para esse estado. Em termos metodológicos, o trabalho se dividirá em dois eixos imbricados: (I) a coleta de dados em fontes diversas, como sindicatos do setor e outras instituições que pesquisam sobre ele, notícias em jornais, entrevistas com os agentes envolvidos na atividade econômica em voga e observação em campo, o que compreende a parte empírica do trabalho; (II) esses dados e informações serão analisados à luz de discussões teóricas em torno da teoria do valor, com destaque para autores como Karl Marx e David Harvey.

Referimo-nos à ocorrência natural das rochas com valor de uso, através da propriedade de ornamentação, como uma “dádiva gratuita da natureza”, sobre a qual o homem a transformou não somente em um valor de uso, mas em valor de troca, ou seja, em uma mercadoria apta a ser transacionada nos mercados. A exploração econômica dessa “dádiva da natureza” envolve a participação de agentes específicos, com direitos particulares, na disputa pelo valor produzido.

As jazidas desse mineral não se manifestam do mesmo modo pela superfície, algumas se apresentam em condições de exigir menos trabalho e custos para

sua exploração e outras requerem maiores esforços e custos produtivos. Dessa forma, as rendas provenientes da exploração mineral são diferenciais, embora no mercado o preço tende a ser calculado levando em consideração a exploração na mina que exige maiores custos de produção. Destaca-se aí a transferência de valor entre os capitalistas por meio dos diferentes preços de produção.

Juridicamente, as jazidas minerais de rochas são passíveis de exploração por qualquer capitalista desde que haja anuência do Estado, independentemente da vontade do proprietário fundiário na qual a dívida se manifeste. Contudo, é garantido legalmente ao detentor do título de propriedade a participação na disputa pelo valor, sendo a sua fração denominada *royalties*, na literatura marxista renda. “Ocorre que, nem sempre a relação do minerador e do superficiário é pacífica e, mesmo sendo, pode não haver concordância em relação ao preço do *royalty* e sobre o arrendamento das áreas necessárias ao desenvolvimento da lavra” (SILVA, 2018).

A exploração de rochas ornamentais no Espírito Santo teve início há cerca de sessenta anos, no Sul do estado. Desde então o setor passou por grandes transformações chegando ao ponto de, hoje, liderar a produção nacional de rochas ornamentais, com enorme diferença para com a produção de outros estados brasileiros; na média dos últimos anos o ES tem capturado em torno de 80% do valor exportado do produto.

Em termos econômicos, trata-se de um setor de relevância para a economia estadual, uma vez que responde por cerca de 8% do Produto Interno Bruto do Espírito Santo e em alguns municípios ocupa posição de destaque, como o caso de Cachoeiro de Itapemirim, onde a participação no PIB ultrapassa os 50%; conta com a atuação de aproximadamente 1.650 empresas em todo o estado e gera 135.000 empregos (Sindirochas-ES).

A presença de rochas aptas à exploração econômica para ornamentação ocorre em muitos municípios do estado, sobretudo rocha do tipo granito. O desenvolvimento e a expansão do setor ocorreram em torno de dois municípios, um situado no Sul do estado, Cachoeiro de Itapemirim, e outro no Norte, Nova Venécia. Segundo Filho e Sabadini (2000), enquanto o núcleo Sul liderado por Cachoeiro de Itapemirim surgiu espontaneamente, o núcleo Norte teve incentivo governamental. Fora desses núcleos, o destaque recai sobre a Serra, atual líder, dentre os municípios capixabas, nas exportações. O estabelecimento de empresas ligadas ao setor em Serra aponta para vínculos com os incentivos governamentais.

Apesar do desenvolvimento e da expansão geográfica do setor pelo território capixaba, há indícios de que o município de Cachoeiro de Itapemirim exerce polarização, em razão do desenvolvimento de uma cadeia produtiva que envolve as etapas de extração e de beneficiamento; empresas fornecedoras de equipamentos, maquinários e insumos; cursos e treinamentos de mão de obra; presença de instituições representativa dos interesses do setor, como sindicatos patronal e do trabalhador; e realização de eventos – feira internacional de mármore e granito, que também tem ocorrido em Vitória.

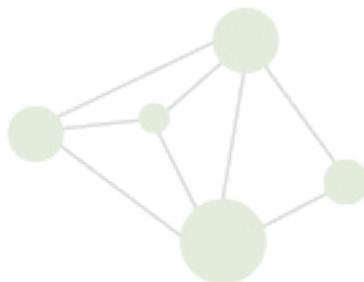
A participação dos municípios situados ao Norte tem sido significativa. Interessamos investigar as relações que se estabelecem entre os núcleos Norte e Sul, visto que estudos anteriores, do final da década de 1990, apontavam para certa

interligação entre eles como, por exemplo, na compra de maquinário e equipamento para o trabalho de exploração e de beneficiamento. Do mesmo modo, buscamos estabelecer as relações desses núcleos com as atividades localizadas em Serra, que se caracterizam predominantemente pelo beneficiamento e comercialização dos produtos. Como desdobramento, também nos indagamos se os núcleos estaduais exercem influência em outros estados brasileiros.

A espacialidade promovida pelo movimento do capital no setor envolve relações de produção, circulação e realização do valor, que incluem núcleos ao Norte e ao Sul do estado, assim como se estabelecem laços com municípios da Grande Vitória, como Serra e Vitória, seja para beneficiamento e comercialização seja para exportação dos produtos, respectivamente; e ultrapassam as fronteiras estaduais, haja vista que grande parte das mercadorias seguem para o exterior via portos de São Paulo e Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE

Rochas ornamentais; valor; renda; espacialidade; Espírito Santo.



CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Atividade	2018/1					2018/2					2019/1				
	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	M	A	M	J	J
Cumprimento dos Crédito (CC)	CC	CC	CC	CC	CC	CC	CC	CC	CC	CC	CC	CC	CC	CC	CC
Participação nas discussões do LabATT (PDL)	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL
Ajustes Finais do Projeto (AFP)	AFP	AFP	AFP	AFP	AFP										
Redefinição da Estrutura da Tese (RET)											RET	RET	RET	RET	RET
Revisão Bibliográfica (RB)	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB
Pesquisa Empírica (PE)											PE	PE	PE	PE	PE
Análise de Informações e Dados Coletados (AIDC)											AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC
Confecção da Tese (CT)											CT	CT	CT	CT	CT
	2019/2					2020/1					2020/2				
	A	S	O	N	D	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Participação nas discussões do LabATT (PDL)	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL
Revisão Bibliográfica (RB)	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB
Pesquisa Empírica (PE)	PE	PE	PE	PE	PE	PE	PE	PE	PE	PE	PE	PE	PE	PE	PE
Análise de Informações e Dados Coletados (AIDC)	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC
Confecção da Tese (CT)	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT
Exame de Qualificação (EQ)								EQ							
	2021/1					2021/2									
	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D					
Participação nas discussões do LabATT (PDL)	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL	PDL					
Revisão Bibliográfica (RB)	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB					
Análise de Informações e Dados Coletados (AIDC)	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC	AIDC										
Confecção da Tese (CT)	CT	CT	CT	CT											
Desefa da Tese (DT)							DT								
Ajustes Pós-Defesa (APD)							APD	APD	APD	APD					
Entrega da Tese (ET)										ET					

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

FILHO, Arlindo Villaschi; SABADINI, Maurício de Souza. **Arranjo produtivo de rochas ornamentais (mármore e granito) no estado do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Galerias/Convivencia/Publicacoes/Consulta_Expressa/Tipo/Notas_Tecnicas/200007_10.html>. Acesso em: 21 de abril de 2019.

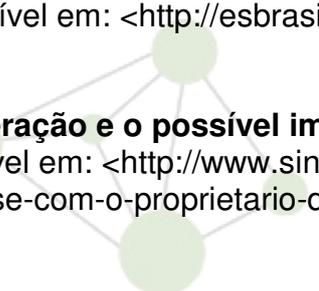
MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro Terceiro, Volume III: o processo global da produção capitalista. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

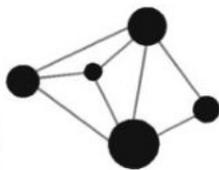
_____. **O capital**: crítica da economia política: Livro III: o processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017.

HARVEY, David. **A loucura da razão econômica**: Marx e o capital no século XXI. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2018.

Revista ES Brasil. **Rochas do ES: há 60 anos colecionando qualidade e vistos no passaporte**. Disponível em: <<http://esbrasil.com.br/rochas/>>. Acesso em: 13 de abril de 2019.

SILVA, Victor Athayde. **A mineração e o possível impasse com o proprietário do solo**. Disponível em: <<http://www.sindirochas.com/artigos/a-mineracao-e-o-possivel-impasse-com-o-proprietario-do-solo-ha-solucao.html>>. Acesso em: 04 de maio 2019.





CINEMAS E CENTRALIDADE: RELAÇÕES E PROCESSOS NA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE VITÓRIA/ES

LINHA DE PESQUISA: Estudos Urbanos e Regionais

LUCAS BARATA WINGLER

Mestrando do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.

Turma: 2018/1.

E-mail: lucaswinger@gmail.com

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Eneida Maria Souza Mendonça

RESUMO

A problemática da referida dissertação se insere na pesquisa da produção de centralidades na escala intra-urbana. Segundo Silva (2012) a centralidade é uma característica inerente ao centro, que possui a habilidade de atração devido sua conformação como lócus privilegiado da alocação de serviços. Nesse sentido, entende-se a centralidade como algo imaterial e reflexo das condições infraestruturais do centro, podendo-se afirmar que ela esteja sujeita à perda ou ganho de sua potência em função de vários fatores. Investiga-se, portanto, como as salas de cinema de Vitória se perfizeram como um dos elementos que contribuíram na produção da capacidade de polarização dos fluxos em diferentes especialidades e temporalidades, sempre na perspectiva da produção do espaço urbano e suas condicionantes. Neste sentido, a presente pesquisa se propõe à investigar a relação dos cinemas da capital capixaba com os diversos processos urbanos que a cidade vivenciou ao longo do século XX. Entre tais processos destacam-se a produção de sua centralidade intra urbana, descentralização e o desdobramento do núcleo central e a criação de núcleos secundários. O recorte espacial-temporal geral da dissertação se estende da fundação da cidade no século XVI até o fim do século XX, compreendendo principalmente seu atual “centro histórico” e a região leste da cidade. Objetiva-se, portanto, investigar a produção da centralidade de Vitória, assinalando os cinemas dessa cidade como um dos elementos urbanos que exerceram profunda relação com essa centralidade durante o século XX. Além disso, discute-se o processo de descentralização da Área Central da capital e a criação de núcleos secundários ao passo que ocorria, concomitantemente, um gradativo fechamento dos cinemas na segunda metade deste mesmo século, seguido da posterior reestruturação desta atividade econômica no interior dos grandes *shopping centers*.

O cinema, desde sua criação no fin-de-siècle, caracterizou-se como uma notória atividade promissora economicamente. Partindo da Europa, expandiu-se em pouco tempo para diversas partes do mundo, tornando-se durante esse processo de propagação, bastante acessível a diversas classes sociais. Ao chegar ao Brasil, aporta primeiramente na cidade do Rio de Janeiro, e as primeiras exhibições em Vitória ocorrem em 1896. As salas de cinema da capital capixaba instalam-se em seu “centro histórico” e, ao longo do tempo, devido a diversos momentos de transformação aos quais a estrutura urbana era submetida, modificaram-se no espaço e no tempo, bem como em suas próprias formas. Para fins de esclarecimento, entende-se por “Área Central” neste artigo, o centro da moderna cidade capitalista, lócus privilegiado de acumulação de capital e possuidora de um conjunto de atributos conceitualmente abordados no debate teórico da pesquisa em Geografia Urbana. Como metodologia tem-se o aporte teórico em uma base bibliográfica que versa sobre 3 temáticas: 1) os diversos processos e aspectos relativos à urbanização de Vitória, como a produção de sua centralidade, descentralização, relação porto-cidade, modernidade e produção do espaço urbano, as administrações públicas e as ações de urbanização; 2) a relação da modernidade com os cinemas e a produção do espaço urbano; e por fim, 3) o shopping center como uma nova lógica de consumo, seu surgimento e propagação no Espírito Santo, denotando seu papel de lócus privilegiado de abrigo da grande maioria dos cinemas a partir do início do século XXI. Nesse sentido, utiliza-se então os autores citados (e outros mais) como suporte às investigações referentes aos objetivos deste trabalho. O estágio atual da pesquisa contém como resultados preliminares: A) uma tabela com todos os estabelecimentos que exerceram a atividade cinematográfica em Vitória (sejam eles classificados como “cinemas de rua” ou “cinema de shopping”) do início do século XX até os dias atuais contendo ano de inauguração, endereço aproximado, proprietários e capacidade; B) um mapeamento derivado da tabela no software Google Earth Pro com as respectivas localizações; e C) um paralelo visual em fase inicial que visa comparar imagens das salas de cinema do Centro de Vitória do século XX e as formas e atividades que ocupam estes espaços por meio de fotografias atuais.

PALAVRAS-CHAVE

Urbanização; centralidade; descentralização; cinemas; Vitória.

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Durante os três primeiros semestres do curso (2018/1, 2018/2 e 2019/1), o aluno completou os créditos obrigatórios nas seguintes disciplinas:

Planejamento Urbano, Teorias e Narrativas sobre a Cidade, Produção Social do Espaço: uma Abordagem da Produção Imobiliária, Atividades Portuárias e configurações Territoriais e Urbanização e Impactos no Ambiente Construído. Além disso, integralizou as atividades acadêmicas, sendo elas: o Estágio de Docência, realizado no segundo semestre de 2018 na disciplina de Urbanismo I no Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU-UFES) sob a orientação de sua própria orientadora, Prof^a. Dr^a. Eneida Maria Souza Mendonça; publicação de um trabalho completo e participação em eventos acadêmicos (XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, realizado na UFRJ em setembro de 2018 e o I Seminário dos Estudantes de Geografia, realizado na UFES em abril de 2018) bem como publicação de um artigo em co-autoria com sua orientadora em um periódico eletrônico (E-metropolis - Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais).

Em consonância com o cumprimento dos créditos e das atividades acadêmicas, o aluno atualmente se prepara para o seu Exame de Qualificação, em vias de conclusão do primeiro capítulo da dissertação.

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira de. **O Novo Arrabalde**. Vitória: PMV, 1996.

MALVERDES, André. **No escurinho dos cinemas**: a história das salas de cinema de exibição na Grande Vitória. Vitória: A. 2008.

_____. **O fechamento das salas de cinema na cidade de Vitória e a política da Embrafilme para a produção do cinema nacional**: projetando a própria crise!. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas). Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória, ES. 2007.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza et al. **Cidade prospectiva**: o projeto de Saturnino de Brito para Vitória. Vitória, ES: EDUFES; São Paulo: Annablume, 2009. 116 p.

MENDONÇA, Márcio Cândido. **A Modernização do atraso**: Os fundamentos da urbanização de Vitória (1889-1930). Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES. 2014.

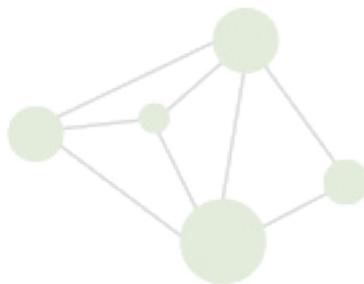
MALVERDES, André. **No escurinho dos cinemas**: a história das salas de exibição na Grande Vitória. Vitória, 2008.

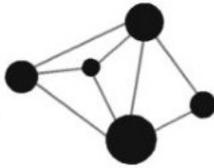
NEVES, Kellen Cristina Marçal de Castro. **Cinema**: A Modernidade e suas formas de entretenimento. Revista de História e Estudos Culturais, vol. 3, nº 4, 2006.

REIS, Luís Carlos Tosta dos. **Descentralização e desdobramento do núcleo central de negócios na cidade capitalista**: estudo comparativo entre Campo Grande e Praia do Canto na grande Vitória- ES. 2007. 287 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2007.

SILVA, Oséias Teixeira da. **Centralidade e produção do espaço urbano em Alcântara – São Gonçalo (RJ)**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

ZIPPINOTTI, Daniel Pitzer. **As formas simbólicas espaciais e a dinâmica da centralidade em Vitória**: um esforço de análise. 2014. 188 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2014.





CARACTERÍSTICAS ESPACIAIS DOS DESLOCAMENTOS PENDULARES E O POTENCIAL DE USO DA BICICLETA NESSES DESLOCAMENTOS NA CIDADE DE VITÓRIA

(Título provisório)

LINHA DE PESQUISA: Estudos Urbanos e Regionais

MALENA RAMOS SILVA

Mestrando do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.
Turma 2018/1. E-mail: malena_mrs@hotmail.com
Orientador: Ednelson Mariano Dota

RESUMO

O movimento de pessoas no espaço é considerado um fenômeno que decorre da organização da sociedade e de suas transformações, dos modelos econômicos, da localização das atividades produtivas, das chances de acesso aos bens e serviços públicos e privados. A possibilidade de se deslocar constitui uma vantagem para a população que se desloca, permitindo superar as limitações socioeconômicas de seu local de residência e ter acesso às oportunidades presentes apenas nas áreas mais dinâmicas do espaço urbano. No entanto, devido a ineficiência de políticas públicas em ações que possibilitem uma melhor relação entre áreas de moradia e de trabalho ou estudo, as distâncias entre esses locais estão cada vez maiores. Neste sentido, os estudos sobre o deslocamento pendular surgem como importante elemento para demarcação de áreas geográficas, e auxiliam na compreensão da vida cotidiana das pessoas e das cidades.

A mobilidade pendular é definida como o movimento realizado por indivíduos que se deslocam entre unidades espaciais definidas, delimitadas pelo local de domicílio e local de trabalho e/ou estudo e essas unidades espaciais frequentemente estão localizadas em municípios diferentes. Todavia diante do aumento populacional ainda expressivo nas grandes e médias cidades, associado à grande entrada diária de população para trabalhar vinda dos demais municípios metropolitanos que crescem em ritmos mais acelerados que as áreas centrais, como pensar o contexto da mobilidade pendular, inclusive a realizada com o uso da bicicleta, no espaço intraurbano de um município?

Ojima (2007) ressalta que o espaço urbano socialmente construído é reflexo de diversos interesses e ações sociais e reflete impactos diferenciados na vida urbana, de acordo com as suas características e necessidades. Assim, as grandes distâncias de deslocamento e a ausência de acesso a transporte

público de qualidade fizeram com que o automóvel se destacasse como uma alternativa rápida e eficiente de deslocamento.

No entanto, a população passou a conviver com os impactos negativos do aumento da frota automotiva e nos últimos anos, em decorrência da saturação da malha viária, do aumento das tarifas de transportes e de possível solução para fugir das horas preso nos congestionamentos, a bicicleta tem voltado à cena como uma opção da população para o deslocamento urbano.

Alguns autores (VIOLA, 2017; MASCARENHAS, 2017) defendem que o uso de bicicletas tem um papel importante no tráfego geral das cidades de países em desenvolvimento, pois a consolidação desse veículo como meio de transporte, e não mais apenas como objeto do esporte e lazer, pode garantir aos centros urbanos uma forma de promover uma melhor distribuição na realização das viagens, além de reduzir os custos com tarifas de transportes e diminuir o tempo preso no trânsito. Haddad e Vieira (2015) acreditam que o uso da bicicleta pode proporcionar uma série de impactos do ponto de vista econômico. Pode favorecer o aumento da renda disponível dos indivíduos e aumentar as chances de uma diversificação maior no consumo das famílias.

Diversos autores acreditam que o desenvolvimento do transporte coletivo é a estratégia mais eficaz para resolver os problemas da mobilidade, melhorar a qualidade de vida e de aumentar a eficiência da economia urbana (VASCONCELLOS, 2001; FELTRAN, 2016). No entanto, não se pode desconsiderar os benefícios do uso da bicicleta nos deslocamentos da população. Para firmar ações e intensificar esse processo é fundamental identificar o perfil das pessoas que vem adotando esse meio de transporte no seu dia a dia, bem como conhecer suas motivações, demandas e seu comportamento.

Diante disso e com o intuito de verificar se no município de Vitória há a possibilidade de inserir a bicicleta como veículo de transporte no meio urbano, pretende-se com esta pesquisa *identificar as características espaciais e o potencial de uso da bicicleta nos deslocamentos pendulares (casa-trabalho) da cidade de Vitória, compreendendo o potencial e os limites desse veículo enquanto meio de transporte nos deslocamentos, em curtas distâncias, da população.*

Para alcançar o objetivo geral, estabelecem-se os objetivos específicos a seguir:

Identificar o perfil de potenciais usuários, a partir do censo de 2010, e verificar o efeito da implantação de infraestrutura cicloviária sobre os deslocamentos para o trabalho dos potenciais usuários de bicicleta;

Analisar os pontos de origem e destino diferenciando os locais de serviço, comércio e indústria dos locais predominantemente residenciais e contribuir na identificação espacial dos possíveis locais de moradia e de concentração das oportunidades empregatícias no município de Vitória;

Verificar a percepção de indivíduos, trabalhadores, em relação a disposição em optar pela bicicleta nos deslocamentos para o local de trabalho, bem como os fatores que influenciam ou não nessa escolha;

A metodologia escolhida para esta pesquisa tem caráter descritivo cujas características são a observação, registro, interpretação e análise das relações entre as variáveis encontradas. Para o levantamento e coleta das informações neste estudo serão utilizados os seguintes dados:

Resultados do Universo do Censo Demográfico 2010 por setor censitário do município de Vitória, utilizando-se as seguintes variáveis: total de pessoas alfabetizadas; sexo, idade e renda nominal mensal em salário mínimo por domicílio, todos coletados através do site do IBGE.

Resultados da amostra do Censo Demográfico 2010 por área de ponderação de Vitória, observando o tempo de deslocamento da população de casa até o trabalho (incluindo todos os tipos de modal), também coletados através do site do IBGE.

Arquivos vetoriais e matriciais (shapefile) da infraestrutura de bicicleta existente em Vitória disponíveis no site do Instituto Jones Santos Neves (2014) e Laboratório de Planejamentos e Projetos – UFES (2018).

Dados referentes às atividades econômicas por setor econômico e por região do ano de 2012, coletados através do site da Prefeitura Municipal de Vitória; dados referentes ao número de imóveis de uso residencial por região do município de Vitória do ano de 2013, também coletados no site da Prefeitura Municipal de Vitória.

Serão seguidas as etapas mencionadas posteriormente com o intuito de alcançar os objetivos propostos:

Análise de áreas de origem e destino dos movimentos pendulares no município de Vitória; Elaboração de um indicador para quantificar potenciais usuários de bicicleta; Percepção do usuário por meio de aplicação de questionário.

PALAVRAS-CHAVE

Mobilidade; deslocamento; bicicleta; cicloviário; urbano.

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Etapas Cumpridas:

No primeiro e segundo semestre de 2018 foram cursadas as disciplinas necessárias correspondentes aos créditos que o curso demanda. Ainda no segundo semestre de 2018 foram elaboradas as bases teóricas e conceituais inerentes à pesquisa que culminou no memorial de qualificação. No primeiro semestre de 2019 foram elaborados os questionários e aplicados, concomitante ao trabalho de campo.

Etapas a Serem Cumpridas:

Também no primeiro semestre de 2019 serão tabulados os dados e analisados. Posteriormente será elaborado o texto final da dissertação, a entrega e a defesa da dissertação.

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

BAENINGER, Rosana. População e cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. UNICAMP, 2010.

BALBIM, Renato. Mobilidade: uma abordagem sistêmica. 2016. In: Cidade e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento. IPEA, p.57 – 79. Disponível em: <http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/160905_livro_cidade_e_movimento_cap03.pdf> Acesso em janeiro de 2019.

BRANCO, Maria LC; FIRKOWSKI, O. L. C. F.; MOURA, Rosa. Movimento pendular: abordagem teórica e reflexões sobre o uso do indicador. Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional–ANPUR, Salvador, v. 23, 2005. Disponível em: <<http://www.xienanpur.ufba.br/253.pdf>> Acesso em agosto de 2018.

CACCIA, L. S. Mobilidade urbana: políticas públicas e apropriação do espaço em cidades brasileiras. 184 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Instituto de Geociências. UFRGS. 2015.

CUNHA, José Marcos Pinto da. Planejamento municipal e segregação socioespacial: por que importa? In: Baeninger, Rosana. (Org.) População e Cidades, p. 65, 2010.

FRANCO, Luiza Pinto Coelho. Perfil e demanda dos usuários de bicicletas em viagens pendulares. 2012. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia de Transportes, Instituto Militar de Engenharia, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://transportes.ime.eb.br/DISSERTA%C3%87%C3%95ES/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20LUIZA.pdf>> Acesso em junho 2018.

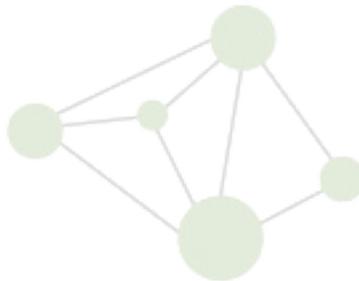
MARANDOLA JR, E. “Cidades médias em contexto metropolitano: hierarquias e mobilidades nas formas urbanas”. In: BAENINGER, R. População e cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. Campinas: NEPO/Unicamp; Brasília: UNFPA, 2010. p. 187-207.

OJIMA, Ricardo. Análise comparativa da dispersão urbana nas aglomerações urbanas brasileiras: elementos teóricos e metodológicos para o planejamento urbano e ambiental Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

SALAZAR, Noel B. Theorizing mobility through concepts and figures. Tempo Social, v. 30, n. 2, p. 153-168, 2018. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103->

20702018000200153&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em: março de 2019.

URRY, John. *Sociology beyond societies: Mobilities for the twenty-first century*. Routledge. 273 p. 2010.



A FINANCEIRIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO:

Estado e indústria subordinados ao capital fictício

LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS

Merci Pereira Fardin

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFES.
Turma 2018. E-mail: mercipfardin@yahoo.com.br
Orientador: Prof. Dr. Carlos Teixeira de Campos Júnior

RESUMO

Busca-se nesse trabalho compreender a respeito do domínio do capital sobre o processo de produção, acumulação e sua organização no espaço, que traz em si a apropriação capitalista dos recursos naturais. Tem-se, no ato de organizar, processos ligados a transformação do espaço geográfico (natureza primeira) em espaço social (natureza segunda) (Lefebvre, 1999), que se transforma pelo processo de trabalho e estabelece tipos específicos de estruturas geográficas, o que contextualiza geograficamente a acumulação (Harvey, 2005).

O processo de transformação do espaço pelo homem em seu ato de produzir, sobre relações sociais capitalistas, cria e recria as condições de reprodução e acumulação ampliada do capital através do desenvolvimento das forças produtivas (Marx). A produção do espaço dotando-o de infraestrutura e técnicas¹, representa crescimento das forças produtivas e da produtividade do trabalho, potencializando o processo de acumulação e transformação da natureza, que invariavelmente leva ao crescimento da população urbana e das cidades. Desta forma, as cidades passam a conter força de trabalho e infraestrutura conjugadas, o que eleva a produtividade do trabalho e a capacidade de se apropriar da natureza para criação de valores novos, em íntima relação com as necessidades de cada momento histórico, e com a realidade geográfica do modo de produção capitalista.

O processo de produção do espaço como campo de desenvolvimento das forças produtivas, constitui a cidade moderna e seu processo de urbanização como centro dos processos de colonização internos, sendo as cidades forças que atuam contrárias aos processos espontâneos naturais, transformando-os em produtos, apropriando-se das forças existentes na natureza e transformando-as em elementos da acumulação capitalista. Assim, tem-se no trabalho o objetivo de compreender a relação direta entre acumulação ampliada e concentração de riqueza com os processos de urbanização e apropriação da água.

¹ A técnica é um princípio formador da sociedades. Ela é o conjunto dos hábitos e costumes vindo da e que medeia a relação homem e natureza no tempo (Moreira, 2016 p. 29)

Na contemporaneidade, investimentos em novas técnicas não representam lucros satisfatórios na esfera produtiva, irrompendo em momentos de crise, o que leva o capital a buscar espaços de fugas apoiando-se na economia improdutiva e promovendo a lógica especulativa, marca da atual fase do capitalismo. Assim, estabelece-se as condições para a proeminência do capital especulativo parasitário (Carcanholo e Nakatani, 1998) na lógica da produção do espaço urbano.

Para além da complexidade do estudo do espaço urbano na suas múltiplas funções, torna-se mais evidente a perda relativa da produção do espaço e da cidade como força integrada ao processo de produção (o capital imobiliário ganha autonomia) e a lógica industrial, ou seja, a infraestrutura gerada e as relações sociais desenvolvidas passam a atuar, com mais relevância, na criação de mecanismos novos de apropriação da riqueza social na produção do espaço, que levam novas atividades ao domínio do capital (a sua propriedade), como os serviços de abastecimento, tratamento de água e a sua disponibilidade a população.

Assim, o estudo dos novos mecanismos de apropriação, paralelo ao estudo da riqueza fictícia produzida pelos processos de especulação com o espaço urbano, constituem o objetivo do trabalho e, para isso, busca-se no processo de acumulação capitalista sobre a dominância da financeirização, os elementos necessários para o seu desenvolvimento.

As contradições que definem a natureza da crise na atualidade resultam da extrapolação da acumulação capitalista na busca incessante pela produção e apropriação diferenciada da riqueza real existente. Assim, se fundam na produção e apropriação de “riquezas fictícias” (Piquiras e Dierckxsens, 2018) de várias modalidades e do domínio da lógica do capital especulativo e parasitário sobre as demais formas de capitais, provocando uma série de choques com as relações sociais existentes pela forma como especulam sobre as posições (preços) futuras das fontes de alimentos, energia e recursos naturais, mas não somente. O processo de especulação se estende a todo tipo de “bens” e a todo tipo de título de direito: título de terras, título de direito sobre o uso da água e títulos ligados ao mercado de carbono.

Esse momento marca o papel ativo que a especulação tomou na acumulação do capital na busca por rendimentos que não poderiam mais vir do capital produtivo. Com isso, a especulação foi o remédio para a crise estrutural do capital à tendência a queda na taxa de lucro, que por um tempo surtiu efeito. O grande capital recuperou sua taxa de rentabilidade, mas logo surgiram as depressões do início do século XXI e as sucessivas crises econômicas e financeiras que passaram a ser vistas como as maiores crises do capitalismo.

Neste trabalho, optou-se pela realização de um estudo qualitativo. O estudo qualitativo é o mais indicado quando se lida com problemas pouco conhecidos, a pesquisa é de cunho exploratório, tem caráter descritivo, e busca o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, tendo a preocupação de compreender a teia de relações que se estabelecem nas organizações. Dado que a realidade estudada é complexa e pouco conhecida, optou-se por partir de perguntas de interesse amplas e sem definição de uma teoria a priori, como sugerem vários autores.

Com apoio em dados secundários e em outros estudos teóricos, pretende-se verificar as repercussões da penetração da financeirização na produção do espaço urbano no Brasil. Para isso, pretende-se acompanhar um conjunto de

medidas selecionadas que visam uma maior liberdade a circulação e rotação dos capitais promovidos pelos agentes ligados a produção do espaço.

Os dados selecionados serão interpretados buscando-se evidenciar quais as principais mudanças que ocorreram no setor de infraestrutura pela necessidade de proporcionar ganhos financeiros. Outro parâmetro a ser medido através das informações obtidas é se as fusões dos capitais (Capital bancário e capital industrial da construção civil) impeliu as empresas da construção civil a uma expansão acelerada do investimento e a uma diversificação geográfica de sua atividade.

Procura-se examinar como o cenário político-econômico, que vem facilitando a entrada de investimentos privados no ramo de infraestrutura, forjou novos laços entre as escalas geográficas.

PALAVRAS-CHAVE

Capital-Fictício; Acumulação Ampliada; Produção do Espaço; Forças Produtivas; Apropriação; Infraestrutura



CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

		1º semestre						2 semestre					
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1º ano	Revisão Bibliográfica	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
	Redação do texto para qualificação	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
	Participação na grupo de pesquisa	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
2º ano	Participação no grupo de pesquisa	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Apresentação Qualificação										x		
3º ano	Redação da Tese	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
4º ano	Defesa							x					

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

ALTVATER, Elmar. O fim do capitalismo como o conhecemos: uma crítica radical do capitalismo Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010

CARCANHOLO, Reinaldo A; NAKATANI, P. O capital especulativo parasitário: uma precisão teórica sobre o capital financeiro, característico da Globalização. In: Anais do III Encontro Nacional de Economia Política. Niterói: EDUFF,1998. V. I, pp.304-316.

_____, SABADINI, Mauricio de S. Capital fictício e lucros fictícios. In: REVISTA Soc. Bras. Economia Política, Rio de Janeiro, nº 24, p. 41-65, junho 2009.

LEFBVRE, Henri (1999) A cidade do Capital. DP&A Rio de Janeiro 1999.

MARX, Karl (1984/1895). O Capital. Volume III, Tomo I. In: Marx, Coleção “Os Economistas”. São Paulo, Abril Cultural.

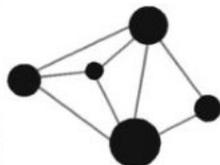
_____(1985/1895). O Capital. Volume III, Tomo III. In: Marx, Coleção “Os Economistas”. São Paulo, Abril Cultural.

_____(2017). O Capital: crítica da economia política: livro III: o processo global de produção capitalista – 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2017.

_____(2010) Manuscritos econômicos-filosóficos – São Paulo Boitempo 2010.

_____(2007) Contribuição à crítica da economia política 2 ed. – São Paulo: Expressão Popular 2007.

PIQUERAS, Andrés e DIERCKXSEMS, Walter: O capital frente a seu declínio. Fim da unipolaridade global: a transição para o pós-capitalismo? São Paulo: Expressão Popular 2018.



**ANÁLISE DA SEGMENTARIDADE DO ESPAÇO ALINHAVANDO
CONCEITOS DE ESPINOSA E DELEUZE: DESALINHANDO O REPENSAR
DAS ESCALAS E A CONTRAPOSIÇÃO COM O “SEM ESCALA”**

LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS

ROBERTO GARCIA SIMÕES

Doutorando do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.
Turma 2018. E-mail: roberto.simoese@ufes.br
Orientador: Prof. Dr. Cláudio Luiz Zanotelli

RESUMO

O objetivo é contribuir com o debate escalar - intensificado a partir da crise do fordismo e da globalização neoliberal, e complexificado pela ascensão de nacionalismos de extrema direita - mediante referências de Espinosa e Deleuze, e construir uma vertente analítica de “segmentos” espaciais que articule conceitos de “potência”, de “afecções e afetos” e das “três linhas emaranhadas: molar, molecular e fuga”. Nessa vertente, a escala é uma “segmentaridade” – linha molar instituída por um “pensamento de Estado”.

Das autorias que aliançam escala – Estado, uma assim a firma: “Não só o Estado se exerce sobre segmentos que ele mantém ou deixa subsistir, mas possui sua própria segmentaridade e a impõe” (Deleuze, 2015).

Não é incomum adotar-se um conceito da “geografia crítica”, por ex. do urbano, e depois, na “prática” enquadrá-lo indevidamente na correspondente escala institucionalizada a partir de outro referencial. Essa escala delimitada pelo Estado em um tempo pretérito, persiste, e gera um choque entre o conceitual e o empírico – desdobrando-se em inúmeras incongruências.

No debate escalar, duas possibilidades podem ser assim caracterizadas: a) repensar a escala, contemplando as múltiplas redefinições e revisões, tais como as que enfatizam relações multi, pluri e transescalares, e a que está centrada no “reescalonamento” da regulação do Estado; b) enveredar, no extremo oposto, pela trilha do “sem escala”, aproximando-se de uma linha de fuga, conferindo preeminência a “ontologia do lugar” e suas conexões; no Brasil, é diminuta a sua consideração, sendo a crítica mais trabalhada a do geógrafo Marcelo L. de Souza.

Para construir a variante analítica pretendida, descortinei uma terceira possibilidade, valendo-me de Espinosa e Deleuze. Procuo escapar da contraposição entre o com ou sem escala.

Em linhas gerais, essa variante entrelaça a “potência dos corpos” aos “segmentos” espaciais, conectando-os às tensões e conflitos entre agentes que em diferentes relações de poder procuram, a partir de seus “recortes”, criar, afirmar, resistir diante das investidas contra seus modos de existência e as diferenças (étnicas ...), tecendo linhas emaranhadas. Tenta-se, assim, desvencilhar-se de dualismos e sínteses, como a tônica global/local.

Essa escolha analítica é complementada no diálogo com análises que criticam a escala, mas não derivam para o “sem escala”. Entre elas, relevo duas: a) Massey, ao “re-imaginar o lugar” sublinha, entre outros pontos; o “não delimitado” e a não “contraposição entre um dentro e um fora”; e b) Latour, assinala que “os cientistas sociais usam a escala como uma das numerosas variáveis de que necessitam para começar *antes* de fazer o estudo, enquanto a escala é o que os atores realizam (...)”, bem como que “Nenhum lugar predomina o bastante para ser global, nem é suficientemente autônomo para ser local”, dissolvendo o dualismo.

Pelo menos quatro aspectos inerentes à escala agudizam as controvérsias, chegando-se a negar um ou mais deles, de acordo com as possibilidades colocadas: a) análise e ação; b) limites, fronteiras; c) hierarquia, níveis e tamanhos, e d) dualismos e clivagens coloniais, que combinados com os anteriores, desdobram-se em: ocidente/oriente, exterior/interior, dentro/fora, global/local, macro/micro, centro/periferia; um aspecto que está por merecer atenção é a “sociedade em rede” e mudanças no espaço-tempo.

Diante desses estímulos para estranhar procedimentos escalares e recortes tornados normais, despontam problemas desafiadores, tais como: a) a escala pode ser usada para tratar tanto do poder “heterônomo” quanto do “autônomo”?; b) ela compõe ou não um pensamento colonial em questão, apesar de também ser acolhida em visões “descoloniais”, ainda que de forma repensada, como por exemplo uma das categorias com “grande potencial cognitivo para renovação do pensamento crítico e para ampliação e enriquecimento dos estudos descoloniais”? (Carmo Cruz, 2017); e c) algumas contradições e conflitos epistemológicos na sua apropriação e na sua aplicação para além do Estado, seja na análise seja na ação, não indicariam a necessidade de ampliar o repensar teórico e empírico?

O conceito de potência de Espinosa enseja o repensar do limite, sendo assim lido por Deleuze: “La cosa no tiene outro limite que el su potencia o su acción.”

O capitalismo, afirma Lapoujade, ao estabelecer um “vasto processo de desterritorialização que não para de ampliar, de repelir seus limites” coloca em questão se faz sentido escalonar a reprodução do capital, observadas tensões e conflitos com as escalas do Estado, notadamente nos nacionalismos. Aquelas análises inseridas “entre” o com e o sem escala também repensam “delimitações”, e procuram elaborar outros “recortes” espaciais a partir da cidadania não afiançada pelo Estado.

Na variante analítica pretendida, dependendo das potências dos corpos, são tecidos em múltiplos espaços embaraçamentos entre as três linhas, não

necessariamente das três em todas as situações e momentos. Até mesmo porque as linhas têm inscrições (espaciais e simbólicas) e durações (temporais) diferenciadas. A escala – entendida como segmentaridade do espaço derivada de um pensamento de Estado e compondo práticas de controle espaciais e sociais - é associada a linha molar

Essas combinações emaranhadas de potências, afecções e linhas delineiam agenciamentos, sendo o territorial um deles, alinhando outra vertente analítica de segmentaridades espaciais, incluindo a escala, mas não só.

PALAVRAS-CHAVE

Escala; Estado; Linha; Potência; Segmentaridade.

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A conclusão da leitura das referências selecionadas - abrangendo revisões sobre escala, bem como dos conceitos de Espinosa e Deleuze, e os enlaces entre elas -, está programada para meados do primeiro semestre de 2020. A finalização do texto para a qualificação está prevista para o início do segundo semestre de 2020.

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

- BRANDÃO, C. A.; FERNÁNDEZ, V. R.; RIBEIRO, L. C. de Q. (orgs). *Escalas Espaciais, Reescalamentos e Estatalidades: lições e desafios para América Latina*. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2018, 406 p.
- FERNÁNDEZ, V.R.; BRANDÃO, C (directores). *Escalas y políticas del desarrollo regional*. Buenos Aires: Mino Y Dávila, 2010, 349 p.
- CARLOS, A.F.A.; SOUZA, M.L.; SPOSITO, M.E.B. (orgs). *A produção do espaço urbano. Agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo; Editora Contexto, 1ª ed., 4ª reimpressão, 2016, 234 p.
- CRUZ, V. do C.; OLIVEIRA, D. A. de. (orgs) *Geografia e giro decolonial* (orgs). Experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017, 388 p.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Aurélio G. Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2ª ed, 1ª reimpressão, 2015, 144 p.
- MARSTON, S.; JONES, J.P.; WOODWARD, K. Human geography without scale. *Transactions of the Institute of British Geographers*, NS 30, 2005, p. 416-432.
- PEREIRA, S.R.; COSTA, B.P. da; SOUZA, E.B.C. de (orgs). *Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010, 216p.
- SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (orgs) *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009, 368 p.
- SPINOZA. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2ª ed., 8ª reimpressão, 2018, 238 p.
- ZANOTELLI, Cláudio Luiz. *Geofilosofia e Geopolítica em Mil Platôs*. Vitória: EDUFES, 2014, 214p.



Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia - 2019
Universidade Federal do Espírito Santo
17 a 18 de Junho de 2019
Vitória - ES

Para onde vai a periferia? Análise Sobre a Produção do Espaço Periférico e a Reprodução do Capital Imobiliário: O caso dos bairros Feu Rosa e Boulevard Lagoa - Serra/ES.

LINHA DE PESQUISA: Estudos Urbanos e Regionais

VINICIUS LIMA LEMES

Mestrando do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.

Turma 2018. E-mail: lemes.viniciusl@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Carlos Teixeira de Campos Júnior

RESUMO

A urbanização é um fenômeno investigado por diferentes perspectivas e se apresenta como uma complexidade. Compreender parte desse processo exige um olhar exigente das relações que o constitui. Ao analisarmos a urbanização na sociedade moderna, onde predominam as relações de produção capitalistas, percebemos que é imperativo a desigualdade sócio-espacial. A sociedade capitalista tem por necessidade, a criação de ambientes construídos com finalidade à produção e o consumo (Harvey,1982). O espaço urbano é percebido então, como um espaço produzido e reproduzido por diferentes atuações, por diversos agentes e seus interesses. “Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado.” (CORREA, 1989, p. 7) As áreas periféricas são uma das expressões dessa fragmentação que é facilmente percebida no espaço urbano. Ao definir a periferia, como fronteira de expansão do capital, Mautner (1999) considerou que ela é um local mutante, sempre reproduzido em novas extensões de terra, enquanto velhas periferias são gradualmente incorporadas à cidade, ocupadas por novos moradores e reorganizadas pelo capital (p.254). Temos como objetivo compreender as transformações ocorridas nas áreas periféricas a partir da instrumentalização da terra pela produção imobiliária. Nossa pesquisa recairá sobre o bairro Feu Rosa no município de Serra na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), no Espírito Santo. Nossa hipótese é que a periferia surge num primeiro momento em áreas não consideradas (ainda) de interesse da produção imobiliária de mercado, criada a partir de ocupações marcada expressivamente pela produção doméstica da casa própria e/ou originada a partir de promoção pública, como o bairro de Feu

Rosa, pois estas eram as alternativas que o trabalhador encontrava para solucionar a questão da habitação, em razão da sua impossibilidade de pagar as moradias produzidas pelo mercado. Mesmo sendo uma área, inicialmente não formada pela produção de moradia para o mercado, ao longo dos anos observam-se transformações que a modifica e a coloca como fronteira de expansão as atividades do capital imobiliário. Essa transformação poderá ser compreendida por meio do papel da terra como elemento central na produção do espaço urbano. Que passa a ser não só uma riqueza natural e condição à atividade produtiva, mas funcionar como se fosse uma mercadoria no processo de urbanização. Assim, “A dinamização dos negócios imobiliários e a resignificação da terra como um capital (fictício) ativo na produção de mercado, acirra a disputa da terra na cidade.” (ALDIGUERI, 2017, p.231). Essa condição, longe de trazer reais melhorias para as áreas periféricas promove processos espoliativos (urbano, imobiliário e financeiro), tornando a sobrevivência mais difícil na cidade, especialmente para os que ali habitam e aos que acabam sendo expulsos para outras áreas periféricas. Ao analisar o processo de produção do espaço da cidade de São Paulo, Mautner (1999) o compreende em três camadas. A primeira camada passa pela transformação da terra em mercadoria (instrumentalização da propriedade da terra), assim se inicia pela venda de lotes, e para promover a construção, imobiliárias fazem subdivisões de lotes e aberturas de ruas. Na segunda camada, a atuação do Estado se destaca, regularizando essas áreas, levando infraestruturas, requeridas por pressões no espaço-tempo da primeira camada. A terceira camada caracteriza-se com a expansão da segunda camada, onde o capital vai se realizar diretamente nesta área beneficiado pelas infraestruturas e redes tecidas nos dois primeiros momentos (camadas). Discutiremos acerca do Condomínio Boulevard Lagoa que se localiza no entorno de Feu Rosa para denotar o processo descrito na terceira camada por Mautner. As transformações ocorridas em Feu Rosa, bem como em seu entorno, nos permitem apontar que as áreas periféricas sofrem metamorfoses que as conduzem à novas relações com a cidade, e por vezes vão originar novas áreas. Dada as contradições existentes na formação e nas transformações que ocorrem na periferia a partir da instrumentalização da terra, que ora se apresenta como riqueza natural e ora como mercadoria na produção do espaço, nossa pesquisa preocupa-se com a investigação dialética na análise sobre a realidade urbana. Como procedimentos metodológicos realizamos uma revisão bibliográfica sobre a instrumentalização da propriedade da terra pela produção imobiliária, e os já consagrados debates sobre a formação e transformação de áreas periféricas. Para relacionarmos as discussões teóricas ao nosso estudo específico faremos levantamentos de dados. 1. Para o debate sobre o processo de formação e as transformações ocorridas em Feu Rosa e seu entorno, buscaremos informações nos órgãos públicos como a Prefeitura Municipal de Serra, Instituto Jones dos Santos Neves, Secretaria de Estado de Saneamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano, entre outros. 2. Para nosso debate sobre a periferia como fronteira de

expansão do capital, buscaremos dados sobre a produção imobiliária, e em específico sobre o Condomínio Boulevard Lagoa. Para efeito didático em nosso trabalho produziremos mapas, gráficos e fluxogramas para facilitar a exposição dos dados levantados e a discussão que trazemos. Ressaltamos que nossa pesquisa se encontra em andamento, e o surgimentos de novas discussões a partir das informações levantadas e das leituras serão inevitáveis, sempre em busca da complexa análise sobre a realidade urbana.

PALAVRAS-CHAVE

Propriedade da terra; áreas periféricas; produção imobiliária; produção do espaço

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Para demonstrarmos o desenvolvimento de nossa pesquisa apresentamos o quadro abaixo onde as informações destacadas pela cor azul representam as atividades já concluídas, e as destacadas pela cor vermelho ainda serão realizadas. As informações que estão destacadas pela cor amarelo estão em andamento ou parcialmente cumpridas.

1. METAS E CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

LISTA DE ATIVIDADES	
1	Realização de Disciplinas – cumprimento de créditos
2	Rastreamento bibliográfico e Fichamento de textos
3	Elaboração dos roteiros e contatos para realização dos trabalhos de campo
4	Trabalho de campo – coleta de dados e realização de entrevistas para coleta de dados empíricos
5	Tabulação de dados obtidos em campos e transcrição de entrevistas
6	Produções cartográficas
7	Organização do roteiro da dissertação
8	Redação do trabalho
9	Qualificação
10	Revisão e redação do trabalho
11	Entrega e Defesa
12	Revisão e Entrega final

Atividades 2018/1	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho
1		X	X	X	X	X
2	X	X	X	X	X	X
3						X
Atividades 2018/2	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
1	X	X	X	X	X	

3	X					
4					X	
Atividades 2019/1	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho
4	X	X	X	X	X	X
5					X	X
6					X	X
7		X	X	X	X	X
8		X	X	X	X	X
Atividades 2019/2	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
9	X					
10		X	X	X		
11				X	X	
12				X	X	

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

ALDIGUERI, Camila Rodrigues. **Metamorfose da terra na produção da cidade e da favela em Fortaleza**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira de. **A construção da cidade: formas de produção imobiliária em Vitória**. Flor & Cultura Editora, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato et al. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Editora Paz e Terra, 1980.

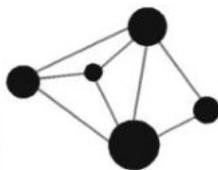
MAUTNER, Yvonne Miriam Martha. A periferia como fronteira de expansão do capital. In: **O processo de urbanização no Brasil**. 1999.

Espaço, Cultura e Linguagens

PPGG

Programa de Pós Graduação
em Geografia - UFES





O ESTUDO DO TERRITÓRIO E ALIMENTAÇÃO NO CONTEXTO DE LUTA DA COMUNIDADE DE AREAL - RIO DOCE (LINHARES-ES)

LINHA DE PESQUISA: Espaço Cultura e Linguagem

ANDRÉ AZOURY VARGAS

Mestrando/Doutorando do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.
Turma: 2018. E-mail: andrezou_2@hotmail.com
Orientador: Paulo Cesar Scarim

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a relação entre territorialidade e alimentação no contexto da comunidade de Areal (Foz do rio Doce, Linhares-ES) no que tange a soberania alimentar, modo de vida e direito ao território tradicional frente aos impactos decorrentes do modelo de desenvolvimento hegemônico implantado na região. A Comunidade de Areal é composta por média de 60 famílias e é remanescente de um processo histórico de expropriações fundiárias. Atualmente vivem em pequenos lotes individuais próximos à margem direita da foz do rio Doce, a 8,5 km de distância da vila de Regência e a 53 km da cidade de Linhares-ES. Os moradores da comunidade de Areal são descendentes e se auto reconhecem como indígenas Botocudo, povo que habitava, segundo as narrativas locais, desde o vale do rio Doce em Minas Gerais e Espírito Santo até o sul da Bahia. A comunidade de Areal esta em processo de reivindicação do reconhecimento e demarcação de seu território tradicional junto a FUNAI.

A área de estudo encontra-se localizada na foz do rio Doce, Linhares – ES. Identifica-se na região um arranjo territorial complexo, com presença de 06 comunidades tradicionais, entre elas: Terra Indígena de Comboios (indígenas tupiniquins); Comunidade de Areal e Santa Maria (em fase de reconhecimento de seu território junto a FUNAI); Vila de Regência (pescadores artesanais); Vila de Povoação (pescadores artesanais); Comunidade de Entre Rios (ribeirinhos) e Comunidade de Degredo (quilombolas e pescadores artesanais). A paisagem da foz do rio Doce sofreu nos últimos anos, uma drástica transformação a partir da intervenção humana de diferentes naturezas conforme a evolução dos ciclos produtivos estabelecidos sobre aquele local. A implantação de projetos desenvolvimentistas na região provocaram nítidas alterações da paisagem e na sua forma de gestão, entre eles estão: o desmatamento da vegetação nativa para a venda de madeira e produção de carvão a partir de 1940; a implantação de canais de drenagem pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS) em 1960; a chegada da Petrobrás na região em meados de 1970; a privatização das terras por fazendeiros, com a implantação de pastagens para gado; e mais recentemente em 2015 a chegada, na foz do rio Doce, dos rejeitos de mineração provenientes do rompimento da barragem de Fundão -

controlada pela Samarco (Vale e BHP) - em Mariana (MG). A implantação desses projetos de desenvolvimento levou a região da foz do rio Doce a um estágio avançado de desequilíbrio ambiental. Várias das lagoas secaram em decorrência destes projetos, o rio Doce que historicamente já vinha sendo assoreado, agora, após o depósito de rejeitos de mineração, encontra-se em um estágio ainda mais delicado do ponto de vista socioambiental. Considerando, que as lagoas e o rio Doce, desempenham papel fundamental para a soberania alimentar de várias populações tradicionais da região, no que tange, por exemplo, a prática da pesca e o acesso à água, pergunta-se como a comunidade de Areal vem enfrentando esses impactos e de que forma esses processos, que afetam o equilíbrio ambiental, promovem mudanças forçadas no perfil dos modos de vida e nos hábitos alimentares desta população.

A alimentação é um elemento essencial para se compreender a relação entre sociedade e natureza ao longo da história da humanidade. Para que se possa entender a dinâmica de relações entre o homem e o meio é importante que se leve em consideração os gêneros e os modos de vida (La Blache; Sorre) em torno da alimentação. Para que isso seja possível, levanta-se a necessidade de se refletir sobre a temática da alimentação na história do pensamento geográfico e sua relação com um conceito que é chave para a Geografia, o *território*.

Palavras chave: território, alimentação, modo de vida, populações tradicionais, rio doce

Objetivo: Investigar a relação entre territorialidade e alimentação no contexto da comunidade de Areal (Foz do rio Doce, Linhares-ES) no que tange a soberania alimentar e direito ao território tradicional frente aos impactos decorrentes do modelo de desenvolvimento hegemônico implantado na região.

Objetivos específicos:

1. Realizar revisão bibliográfica de obras que trabalham os conceito de território/ territorialidade e modo de vida aportando autores que possibilitem o estudo da temática das populações tradicionais na sua relação com o território e a alimentação.
2. Realizar levantamento dos hábitos alimentares tradicionais e atuais da comunidade de Areal e interpretar de que forma as possíveis mudanças nos hábitos afetam a soberania alimentar desta população.
3. Identificar e analisar o conjunto de estudos sobre alimentação e comunidades tradicionais da foz do rio Doce, capaz de subsidiar o desenvolvimento da pesquisa proposta.
4. Sistematizar o conjunto de dados e análises de modo a evidenciar as questões especificamente associadas com a problemática da alimentação, envolvendo a relação da comunidade local com a área investigada.

A metodologia da pesquisa está sendo desenvolvida através da revisão bibliográfica de obras de autores da geografia clássica como (La Blache e Sorre), autores que discutem o conceito de território e territorialidade

(Haesbaert, Moreira, Porto Gonçalves, Saquet), histórico sobre os botocudos no Espírito Santo (Marinato, Ehrenreich), comunidades tradicionais (Almeida, Diegues) e Alimentação (Castro, Poulain). Como forma de consecução dos objetivos específicos os relatos orais dos moradores de Areal são tomados como fonte principal para se compreender o território e os modos de vida dessa comunidade, a partir de trabalhos de campo, se busca compreender as correlações presentes entre formas de territorialidade e alimentação dessa população. A metodologia da História Oral é escolhida de forma que possa ser trabalhada em conjunto com a comunidade, de modo a não sobrecarregar psicologicamente os entrevistados mas sim criar espaço para suas narrativas e seu empoderamento político frente aos impactos cotidianamente sofridos. O processo de pesquisa tem-se fortalecido com a participação semanal no Grupo de Estudo sobre a Questão dos Alimentos (GEQA), espaço este que possibilita trocas, leituras e aprofundamentos sobre a questão dos alimentos em um contexto interdisciplinar.

Resultados Preliminares: Foram realizados até o momento duas visitas a campo, em novembro de 2018 e abril de 2019, foram realizadas entrevistas e participação no “III Encontro de Cultura Ancestral de Areal” organizado pelos moradores da comunidade e colaboradores. Outra visita a campo está programada para o mês de Julho. Pode-se perceber até o momento a partir das entrevistas que os hábitos alimentares da população sofreram uma grande mudança após a chegada dos rejeitos de mineração provenientes do rompimento da barragem de Fundão em Mariana (MG) controlada pela Samarco. O peixe perdeu a centralidade nas refeições dos moradores da comunidade e atualmente a maior parte dos alimentos são obtidos em Supermercados na cidade de Linhares.

Cronograma de Desenvolvimento da Pesquisa

Atividades / Meses	1º Semestre		2º Semestre	
	01 a 06	06 a 12	12 a 18	18 a 24
Disciplinas				
Revisão bibliográfica				
Trabalho de campo/ coleta de dados				
Análise de dados e resultados				
Qualificação				
Redação da dissertação				
Defesa da dissertação				

Todas as atividades estão seguindo a previsão do cronograma a exceto das disciplinas que estão sendo concluídas no semestre atual.

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** v.6, n.1. 2004.

DIEGUES, A.C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

EHRENREICH, Paul. **Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX**; tradução de Sara Baldus; organização e notas por Julio Bentivoglio. – Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004

LA BLACHE, Vidal de. Les genres de vie dans la Géographie humaine – Secon Article. *Annales de Géographie*, n. 112 t. 20, 1911. Tradução: Guilherme Ribeiro. In: HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme (orgs.). **Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

LA BLACHE, Vidal de. **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Cosmos, 1954

MARINATO, Francieli Aparecida. **Índios imperiais: os botocudos, os militares e a colonização do Rio Doce (Espírito Santo, 1824-1845)**. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro, vol. 1: as clássicas originárias**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De Saberes e de Territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. IN: Revista **GEOgrafia**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, ano VIII, N. 16, 2006, p. 41-55.

POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*; 2ª ed., Florianópolis : Editora da UFSC, 2013.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. - 4.ed. – São Paulo : Outras Expressões, 2015.

SORRE, M. **A noção de gênero de vida e sua evolução**. In: MEGALE, J. F. (Org.) *Max. Sorre: Geografia*, pp. 99-123, Rio de Janeiro: Editora Ática, 1984.

SORRE, Maximilien. *Géographie des Régimes Alimentaires. Les fondements de la géographie humaine. Tome premier. Les Fondements Biologiques: essai d'une écologie de l'homme*. 3. ed. Paris: Armand Colin, 1951. Tradução, prefácio e notas de Ana Leticia Espolador Leitão e José Carlos Braz Machado Ramos. In: *Geografia dos regimes alimentares. GEOGRAFARES - Revista do Mestrado e do Departamento de Geografia - Ufes*. Edição nº 25, pp. 7 – 59. 2018.



Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia - 2019
Universidade Federal do Espírito Santo
17 a 18 de Junho de 2019
Vitória - ES

O ordenamento territorial e a descentralização do poder no processo de emancipação de novos municípios no Brasil. O caso de Pedra Azul do Aracê, ES.

LINHA DE PESQUISA: ESPAÇO, CULTURA E LINGUAGENS

ANDRÉ ERLER TONINI

Mestrando do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.

Turma 2018. E-mail: andre-tonini@hotmail.com

Orientador: Gisele Girardi

Coorientador: Carlo Eugênio Nogueira

RESUMO

Este projeto destina-se ao estudo da organização territorial brasileira sobre o caráter da descentralização do poder nacional para com a emancipação de novos municípios. Para isso, se propôs a estudar o histórico de criação de novas municipalidades, dando foco na situação pós constituição de 1988, centralizando o debate sobre a realidade do Estado do Espírito Santo, onde há diversas localidades e distritos que desejam se emancipar das sedes municipais, como o distrito de Pedra Azul do Aracê, onde há uma organização e vontade da população de que a localidade torne-se município, desmembrando-se de Domingos Martins, sede distante cerca de 54 km.

A evidência do processo emancipatório do distrito de Arace, em Domingos Martins, ES. Documentada por reportagens de jornais de grande circulação agrega um direcionamento de se estudar a questão sobre o aparato da Geografia, uma vez que atinge uma categoria de análise da ciência, o Território. Nesse contexto, um estudo sobre os processos de fragmentação e criação de novas unidades federativas, sobretudo os municípios, surge como potência para se discutir os motivos para tal, bem como os pontos de vista da prefeitura, do distrito, da comunidade em questão, do interesse político e econômico, etc. Além de um possível surgimento de um conflito entre os que buscam a emancipação e os que não desejam a separação.

Objetivo Geral

Verificar os desafios do processo emancipatório de um distrito para se tornar município. Usando como estudo de caso, o distrito de Pedra Azul do Aracê.

Objetivos Específicos

Realizar uma abordagem histórica do tema em escala: Brasil, Espírito Santo, Pedra Azul do Aracê (União, Estados, Municípios) dando ênfase no processo pós constituição de 1988.

Verificar os atuais procedimentos legais que estabelecem a criação de um município no Brasil.

Analisar os possíveis conflitos de interesses na questão emancipatória de Pedra Azul do Aracê.

Busca-se nesse trabalho realizar um estudo decrescente sobre o tema, indo do macroterritório nacional brasileiro, até o microterritório do distrito de Pedra Azul do Aracê, passando pelo estado do Espírito Santo, que possui diversos distritos que tem a intenção de se emancipar.

Em primeiro lugar, o trabalho volta-se para uma pesquisa bibliográfica para se verificar o processo histórico de criação de municípios no Brasil, indo de encontro com a legislação da época da criação, o enfoque será dado na realidade pós constituição de 1988.

Em um segundo momento, a pesquisa irá reduzir a escala de análise e verificar os processos de emancipação de distritos no Estado do Espírito Santo, buscando encontrar um ponto em comum dos distritos. Além disso, a pesquisa vai se voltar para a formação territorial do Estado do Espírito Santo, desde os primeiros municípios que foram formados até a configuração atual.

Paralelamente a isso, o trabalho pode contar com a colaboração de opiniões, através de importantes agentes políticos do estado, como deputados estaduais e federais, governador do estado, secretários e órgãos do governo estadual, como Instituto Jones dos Santos Neves, Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo, etc.

Encontrado as pistas, traçando um perfil comum e entendendo a legislação, a pesquisa se volta para um estudo de caso. A especificidade de um movimento emancipatório pode ser melhor entendida, dando voz à comunidade de Pedra Azul do Aracê, onde se busca ouvir à opinião da prefeitura de Domingos Martins, bem como a liderança comunitária do distrito, a população em geral, comerciantes, municípios vizinhos, etc.

O método utilizado será a referência bibliográfica para a aquisição de dados estatísticos e qualitativos, além da realização de entrevista oral dos interessados. Ida a campo para a realização das entrevistas também serão programadas.

Palavras-Chaves: Federalismo ;Municipalismo; Emancipação; Descentralização de Poder; Pedra Azul do Aracê.

Cronograma de desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa encontra-se em fase inicial, onde há o intuito de aquisição de material bibliográfico para embasar teoricamente o texto. Feito isso, está prevista ida à campo para adquirir material para analisar os pontos de vistas com o tema.

Observações: A pesquisa foi elaborada ainda durante o primeiro semestre de 2019 e encontra-se no início, uma vez que o autor, por opção, mudou o tema de sua dissertação. Ainda assim, o projeto é totalmente viável dentro do Programa de Pós Graduação.

Referências Principais

BRITO, C.; SOUZA, R. A. **Brasil: para um federalismo equânime e uma agenda para o municipalismo**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2018,p.177-195.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS – CNM **Municipalismo: Perspectivas da descentralização na América Latina, na Europa e no Mundo** – Brasília: CNM, 2017.

GALLO, Fabrício. **Uso do território e federalismo como evento: a difusão regional de infraestruturas analisadas a partir das transferências intergovernamentais voluntárias entre união e municípios**. 2011. 221 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP.

MELO, Marcus André B. C. **Municipalismo, nation building e a modernização do estado no Brasil**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, n. 23, ANPOCS, 1993*.

OLIVEIRA, Bruno Carneiro **Federalismo e municipalismo na trajetória política do brasil**. Julho, 2018.

SANTIN, Janaina Rigo. **O município no constitucionalismo brasileiro e o tratamento histórico do poder local**. Passo Fundo RS: outubro 2015



ATO FOTOGRÁFICO, ATO GEOGRÁFICO: A FOTOGRAFIA DE RUA COMO EXPERIÊNCIA CIDADINA

LINHA DE PESQUISA: Espaço, Cultura e Linguagens

CLERISTON BOECHAT DE OLIVEIRA

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFES.
Turma 2018. E-mail: tomboechat@gmail.com
Orientador: Dr. Antônio Carlos Queiroz Filho.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo geral investigar a produção de pensamento espacial presente na fotografia de rua inserida no contexto da arte moderna e contemporânea, de modo a promover um diálogo entre Geografia e Fotografia Contemporânea. Assim, definimos seis objetivos específicos, os quais explicitam o recorte proposto na pesquisa. São eles:

- discutir em que medida a imagem fotográfica contribui e participa na construção de imagens do mundo, tornando-se assim possível objeto de estudo da Geografia;
- produzir um diagnóstico sobre a inserção da fotografia de rua como arte moderna a partir do discurso predominante no departamento de fotografia do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), desde sua criação em 1940 até meados dos anos 1970;
- problematizar o discurso hegemônico que identifica na fotografia moderna uma limitação a questões formais e apontar em seu contexto estético-político relações com o espaço produzidas a partir das imagens;
- identificar e analisar a produção de pensamento espacial sobre a cidade presente na fotografia de rua apresentada na exposição e no livro *American Photographs*, de Walker Evans (1938), primeira exposição individual de um fotógrafo no MoMA;
- produzir uma série fotográfica que considera o ato fotográfico como experiência que produz pensamento espacial sobre a cidade;
- Identificar e analisar o diálogo entre Geografia e Fotografia Contemporânea presente na série produzida pelo autor e como essa produção toca as questões levantadas pela pesquisa.

Para alcançar tais objetivos a pesquisa terá uma produção textual e a produção de uma série fotográfica. A fim de discutir como a fotografia participa na construção de imagens do mundo traremos as discussões sobre as relações

estético-políticas da imagem fotográfica e uma possível filosofia da fotografia, desenvolvidas por Jacques Rancière e por Vilém Flusser, para construir um diálogo com Denis Cosgrove e Jean-Marc Besse em seus trabalhos acerca da paisagem. Assim, buscaremos refletir sobre como a fotografia de rua participa num espaço que é constituído pela interseção de múltiplas narrativas, como proposto por Doreen Massey em *Pelo Espaço*. O diagnóstico sobre a inserção da fotografia de rua como arte moderna no MoMA será feito por meio de uma análise crítica de textos curatoriais, publicados pelo próprio museu em seus catálogos, e de textos teórico-críticos de autores que questionam a postura estética e política da instituição. Beaumont Newhall, John Szarkowski e Peter Galassi são alguns dos curadores que produziram textos para o museu. Tais textos priorizam a construção do artista como autor, dotado de originalidade, e defendem uma certa autonomia da arte moderna, na qual a composição, o enquadramento, a técnica e suporte tem maior relevância do que o contexto de produção das imagens. De outro lado, temos autores ligados à revista estadunidense *October*, com nomes como Rosalind Krauss, Douglas Crimp, Christopher Phillips e Abigail Solomon-Godeau que ressaltam questões políticas, raciais, de gênero e econômicas relacionadas à construção da fotografia moderna. Antoine Compagnon e Hal Foster trazem análises que apontam para as contradições, fragilidades e atravessamentos dos discursos modernistas e pós-modernistas. Ao cruzar textos de vertentes teóricas distintas será possível apresentar um panorama das distintas narrativas em torno da fotografia moderna.

A obra do fotógrafo Walker Evans, primeiro fotógrafo a expor individualmente no MoMA e um dos fotógrafos mais expostos na história da instituição, será utilizada para apresentar questões espaciais presentes na própria fotografia moderna e que são ampliadas na fotografia contemporânea, dentre elas, o ato fotográfico como uma experiência cidadina. Aqui, a experiência será tratada a partir das proposições de Jorge Larrosa e a cidade será abordada por meio de autores contemporâneos como Rogerio Haesbaert, autor de *O mito da desterritorialização*, Massimo Canevacci, autor d'*A cidade polifônica* e Francesco Careri, autor de *Walkscapes e Caminhar e parar*.

No intuito de provocar um diálogo ainda mais profícuo entre Geografia e Fotografia, o autor propõe uma produção fotográfica que lida exatamente com a questão central da tese, a produção de pensamento espacial na fotografia de rua ao propor o ato fotográfico como experiência cidadina. Deste modo, o resultado final da pesquisa incluirá um livro de fotografia, entendido como parte integrante da pesquisa, cujo conteúdo será discutido em um dos capítulos da tese.

PALAVRAS-CHAVE

pensamento espacial; fotografia de rua; experiência; cidade; arte moderna.

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Semestre 2018/1

Etapas Cumpridas

Concluídas as seguintes disciplinas: **Teoria e Método (PPGG 7220)** e **Habitar a cidade: narrativas do corpo na sobremodernidade (PPGG 7237)**. Foi dado início ao levantamento bibliográfico, etapa na qual foram feitas leituras e fichamentos de autores considerados relevantes para a pesquisa. Também foi iniciada a escrita de artigo científico para publicação em periódico classificado no Qualis Capes entre os estratos A1 e B2, a fim de cumprir o regimento do programa. A partir das questões levantadas nas disciplinas, foi iniciada a produção de fotografias, a qual deverá estender-se até o semestre 2020/2.

Semestre 2018/2

Etapas Cumpridas

Concluída a disciplina **Seminário de Tese I (PPGG7225)**. Foi dada continuidade ao levantamento bibliográfico e à produção fotográfica, e finalizada a escrita de artigo científico, o qual foi submetido para publicação na revista *Geograficidade*, da Universidade Federal Fluminense, classificada como B2 no Qualis CAPES.

Semestre 2019/1

Etapas Cumpridas

Continuidade da pesquisa bibliográfica e da produção fotográfica. O artigo científico submetido foi aceito e enviado para publicação. Um conjunto de fotografias produzidas no contexto da pesquisa, entre junho de 2018 (2018/1) e abril de 2019 (2019/1), foi selecionado para participar da oficina *Maratona de edição de livro de fotografia*, do *V Fórum Latino-americano de Fotografia de São Paulo*. Tal atividade contribuirá para a etapa de edição do livro de fotografia, prevista para 2020/2.

Etapas a Serem Cumpridas:

Início da escrita do primeiro capítulo.

Semestre 2019/2

Etapas a Serem Cumpridas:

Finalização da escrita do primeiro capítulo;

Escrita de segundo artigo científico;

Produção fotográfica.

Semestre 2020/1

Etapas a Serem Cumpridas:

Escrita do segundo capítulo;

Produção fotográfica;

Entrega de dossiê para qualificação;

Qualificação.

Semestre 2020/2

Etapas a Serem Cumpridas:

Revisão das considerações feitas pela banca de qualificação;

Edição do livro de fotografia, parte integrante da tese.

Semestre 2021/1

Etapas a Serem Cumpridas:

Escrita do terceiro capítulo;

Impressão do livro de fotografia, parte integrante da tese.

Semestre 2021/2

Etapas a Serem Cumpridas:

Revisão e impressão da tese;

Entrega da Tese ao orientador;

Revisão das considerações finais do orientador;

Entrega da Tese ao PPGG;

Defesa da Tese.

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BOLTON, Richard (Org.). **The Contest of Meaning**: Critical Histories of Photography. Cambridge: MIT Press, 1999.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

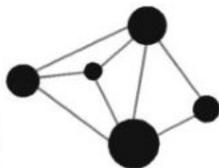
COSGROVE, Denis. **Geography and Vision**: Seeing, Imagining and Representing the World. London: I. B. Tauris, 2008.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.



A GEOGRAFIA CRÍTICA E SUA RELAÇÃO COM A CARTOGRAFIA

LINHA DE PESQUISA: ESPAÇO, CULTURA E LINGUAGENS

DOUGLAS GONÇALVES DA SILVA

Mestrando do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.
Turma 2018/01. E-mail: dougicm@hotmail.com
Orientador: Gisele Girardi

RESUMO

Propomos construir uma pesquisa para entender como a Geografia, depois de sua renovação, entende os mapas. A abordagem histórica da geografia Clássica, como a forma de se cartografar mudou durante o período da Segunda Guerra Mundial, de como se desenvolveu essa renovação da geografia, como se manifestaram a Geografia Quantitativa e a Geografia Crítica e analisar seus principais autores. Trabalho baseado em Raffestin (1993), Girardi (2014), Lacoste (1988), Cloud (2002) e outros autores que escreveram sobre o assunto. Objetivamos com isso analisar a cartografia e sua relação com a geografia, entender como os mapas são utilizados pela renovação da geografia e conceituar um fundo teórico-epistemológico na crise entre a Cartografia e a Geografia. Na análise da base conceitual, foi abordado o histórico da geografia no pós-guerra, seu entendimento de disciplina apenas a serviço do Estado (LACOSTE, 1988) e a crise que a Cartografia e a Geografia entraram devido a formas diferentes de se trabalhar com o mapa, levando a um distanciamento, culminando com uma cartografia escolar prejudicada com uma didática comumente percebida do afastamento da realidade do discente com o conteúdo ministrado nas aulas com mapas.

Boa parte da renovação da geografia ignora a cartografia e quando usa mapas, é de forma tradicional, com uma função secundária. No Brasil, existe uma

tendência por parte da geografia crítica de eliminar as práticas cartográficas no interior da disciplina (FONSECA, 2007).

A palavra cartografia, que designava a ciência que estuda os mapas geográficos, passou por uma reformulação, pois passou também a designar representações do mundo real em uma linguagem gráfica. O que enfraqueceu a ideia de um mapa geográfico (FONSECA, 2007).

Quando no pós-guerra veio o entendimento de que a geografia era um instrumento do Estado, às vezes alienado, às vezes estratégico, de acordo com Lacoste (1988); entendeu-se que a geografia precisava de uma renovação. Renovação tal para superar uma geografia clássica que tinha um viés positivista, ao tentar se colocar numa situação de neutralidade.

A crítica política à Geografia Clássica, sua forma de trabalhar para tentar manter os poderes hegemônicos e a ordem vigente e a tentativa de se manter distante de questões sociais foi o que manteve o movimento de renovação vivo (GIRARDI, 2014).

A questão do espaço também é trabalhada por Moreira (2012), pois seu conceito é reformulado devido ao entendimento que ele não pode ser visto e estudado somente do ponto de vista cartesiano. Resultando numa cartografia que não colaborou com a renovação da geografia e esta não alcançou a cartografia.

A crise do mapa, tratada por Jacques Levy (2003), tem em um dos seus quatro aspectos a função ideológica associada à Geopolítica e aos poderes hegemônicos. Como o mapa é uma forma de linguagem, ele também pode ser transmissor de ideologias e tem o poder de enganar por conta do efeito de verdade que a imagem possui (FONSECA, 2007).

Ainda que o mapa tivesse uma função de transmitir informações por meio de signos gráficos, a tese de “mapa como meio de comunicação” não fornecia base suficiente para a elaboração de uma teoria cartográfica completa, (SALICHTCHEV, 1983, p.12). Segundo o autor, o mapa ainda teria duas funções, a operativa (soluções para problemas práticos, como navegação) e a

cognitiva (investigações de fenômenos naturais e sociais e aquisição de novos conhecimentos que extrapolam o mapa).

O mapa, então, deve ser visto não como representação da realidade, mas como uma projeção do próprio mapa; ou seja, como ele gostaria de ser visto, construindo assim seu poder (WOOD E KRYGIER, 2009). De acordo com estes autores, se naturaliza o mapa, escondem-se suas origens no surgimento do Estado e seu papel como mantenedor das relações sociais.

A metodologia utilizada foi predominantemente por uma revisão bibliográfica. Usando textos sobre a Segunda Guerra Mundial, seu período posterior e textos e artigos sobre cartógrafos.

Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2002). Segundo este autor, a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Assim, a pesquisa depende de muitos fatores, tais como a complexidade do assunto e o nível de conhecimento já conhecido a respeito. A experiência demonstrou que é muito importante buscar esclarecer-se acerca dos principais conceitos que envolvem o tema de pesquisa, procurar um contato com trabalhos de natureza teórica capazes de proporcionar explicações a respeito, bem como com pesquisas recentes que abordaram o assunto (Gil 2002).

PALAVRAS-CHAVE

Cartografia; renovação da geografia; epistemologia.

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

No primeiro semestre de 2018, ao iniciar o curso, cumpriu-se parte dos créditos necessários realizando três disciplinas: Teoria e Método; Estudos sobre Alimentação; e Teorias e Narrativas sobre a Cidade.

Já no segundo semestre de 2018 só uma disciplina foi realizada: “princípios da geografia da Alimentação”, e também foi lido um livro clássico referente à

pesquisa, que fala tanto da geografia quanto da cartografia, de Yves Lacoste “A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”.

No ano de 2019, já com auxílio de bolsa de estudos, a produção foi melhor. Dois capítulos da dissertação foram escritos e espera-se qualificar este fim de semestre. Participou-se também da disciplina “Territorialização do capital e mobilidade do trabalho no Brasil”, além do Estágio de Docência junto à turma do 6º período da disciplina de Geografia Política e Geopolítica. Além disso, dois artigos foram produzidos, submetidos e aprovados para eventos a serem realizados ainda este ano.

Para o segundo semestre de 2019, espera-se terminar de escrever a dissertação com possivelmente mais dois capítulos, encerrando a escrita, além da participação de eventos na área e conclusão das horas acadêmicas necessárias.

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

CLOUD, John. American Cartographic Transformations during the Cold War. *Cartography and Geographic Information Science*, Vol. 29, No. 3, 2002.

FONSECA, Fernanda Padovesi. O potencial analógico da Cartografia. *Boletim Paulista de Geografia – BPG*. São Paulo, nº 87 p.85-110, 2007

GIL, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002

GIRARDI, Gisele. Cartografia e Geografia: breve histórico. Vitória, 2014. p.1-39. Texto produzido para apoio às disciplinas e grupo de pesquisa. Disponível em www.poesionline.wordpress.com

LACOSTE, Y. A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, Papirus, 1988.

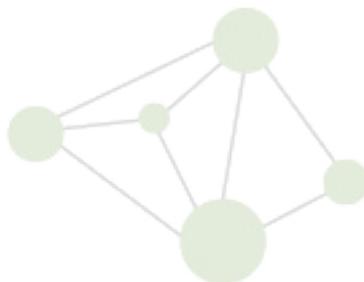
LÉVY, Jacques. Anamorphose. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT Michel (Org.). *Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003. p.74

MOREIRA, R. Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas. São Paulo: Contexto, 2012.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

SALICHTCHEV, K.A. Cartographic communication: a theoretical survey. In: TAYLOR, D. R. F. (ed.). Graphic communication and design in contemporary cartography. New York, John Wiley & Sons, 1983. V. II, p.11-36.

WOOD, D.; KRYGIER, J. Critical Cartography In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. (Eds.). International Encyclopedia of Human Geography. Oxford: Elsevier, 2009, v.1, p.340-344.



SEGREGAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM VIANA (ES): APONTAMENTOS SOBRE A DINÂMICA RECENTE NO BAIRRO DE VILA BETHÂNIA

Fernanda Barboza dos Santos

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.

E-mail: fernandabarboza1987@hotmail.com

Orientador: Luis Carlos Tosta dos Reis

O presente estudo aborda a temática da segregação socioespacial, problematizando-a por intermédio de um estudo de caso sobre os novos empreendimentos construídos (ou em fase de construção) no bairro de Vila Bethânia, da cidade de Viana, município que integra a Região Metropolitana da Grande Vitória (ES). O recorte da área de estudo se verifica, sobretudo, em função da peculiaridade, no contexto do município, do surgimento de condomínios residenciais fechados (Programa MCMV) e de um condomínio industrial no referido bairro. No caso deste último empreendimento, cabe salientar que apresenta aspectos similares aos condomínios residenciais, todavia possui em seu interior atividades relacionadas a indústria, logística, transporte e armazenamento (LENCIONI, 2011).

Ao evidenciar as diversas características inerentes do espaço urbano, Corrêa (1991), define esse como sendo “[...] fragmentado e articulado, reflexo e condição social e campo simbólico e de lutas [...] [e que] pode ser assim submetido a diferentes análises pelos geógrafos, cada uma delas privilegiando uma das características acima apontadas, sem, contudo, excluir as demais”, (CORRÊA, 1991, p.13-14). Dentre os processos espaciais mais relevantes que engendram a fragmentação do espaço urbano, a segregação ganha destaque e as áreas menos valorizadas e as mais valorizadas compõem, na cidade capitalista, mosaicos que ora se justapõem, ora se interpenetram. Neste sentido, para este estudo, os condôminos residenciais e industrial referidos são apreendidos como expressão da segregação no espaço urbano, ou seja, como manifestação empírica de uma dinâmica sócio-espacial engendrada pela atuação de diversas forças de dimensão política, ideológica e econômica que promovem áreas de “forte homogeneidade social interna e forte disparidade entre elas”, (CASTELLS,1983 [apud Corrêa, 1993, p. 60]).

O questionamento básico que instiga a realização da pesquisa proposta pode ser apresentado, de modo geral, nos seguintes termos: Qual o significado dos novos empreendimentos imobiliários (condomínio industrial e condomínios residenciais em construção/construído) no bairro de Vila Bethânia para a dinâmica da segregação socioespacial no município de Viana (ES)? Em consonância com essa questão-chave se constituem os objetivos geral e específicos da pesquisa, conforme abaixo indicados.

O objetivo geral do trabalho é fornecer uma contribuição para a investigação do processo de segregação socioespacial em Viana/ES, partindo de um estudo sobre o papel dos novos produtos imobiliários produzidos no bairro de Vila Bethânia. A efetivação desse objetivo geral se daria através da consecução dos seguintes objetivos específicos:

- (a) Investigar a ação dos agentes sociais diretamente responsáveis por tais empreendimentos;
- (b) Sistematizar os atributos que permitam apreender as diferenças e semelhanças entre os referidos condomínios, recorrendo, para tanto, à intermediação do aporte teórico (LENCIONI, 2011), (RUFINO, 2016), sobre os novos condomínios (residenciais e industriais), a fim de orientar uma análise que não se limite à descrição empirista dos condomínios pesquisados;

Na medida em que o trabalho científico/acadêmico implica, via de regra, a articulação entre o método de interpretação e o método de pesquisa para construir a metodologia que visa alcançar os objetivos delineados, caberia registrar expressamente a orientação que a pesquisa proposta assume no que diz respeito ao método de interpretação, a saber: trata-se da filiação ao horizonte de pensamento teórico crítico-radical através do qual é possível investigar a segregação problematizando as contradições e os distintos interesses que possuem os sujeitos que produzem o espaço urbano vianense. Assim, o método de interpretação corresponde às diretrizes do materialismo histórico e dialético marxista, entrevisto como fecundo para amparar a pesquisa sobre o tema da segregação, na medida em que “[...] permite a passagem da imagem caótica do real para uma estrutura racional, organizado e operacionalizado em um sistema de pensamento” (GOMES, 1996, p.281). Quanto aos conjuntos de técnicas usadas para a obtenção dos dados referentes à problemática investigada, ou seja, o método de pesquisa (MORAES e COSTA, 1984), considera-se que uma série de procedimentos operacionais para atender as finalidades deste estudo, dentre as quais: a pesquisa exploratória; o levantamento bibliográfico, pesquisa documental (fonte primária e fonte secundária), pesquisa de campo e pesquisa de laboratório. Após a finalização do levantamento de dados pretende-se articulá-los com o debate teórico da investigação científica para realizar a análise da problemática específica sobre o estudo de caso proposto.

PALAVRAS-CHAVE

Espaço urbano; Produção imobiliária; Segregação socioespacial;

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

		2018												2019											
Procedimentos metodológicos		Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ag	Set	Out	Nov	Dez		
COLETA DE DADOS	Leitura e definição dos marcos teóricos	Verde																							
	Discussões teóricas e cumprimento das disciplinas	Verde																							
	Pesquisa in loco																								
	Pesquisa em arquivos públicos e científicos																								
	Entrevistas/ Registro de observações																								
Leitura e Sistematização	Volume de qualificação																								
	Revisão bibliográfica																								
	Sistematização e confirmação dos dados levantados																								
Análises	Elaboração de mapas																								
	Sistematização dos resultados																								
	Reflexões finais																								
	Revisão geral da dissertação																								
	Entrega da dissertação																								

Legenda: Verde: Concluído / Laranja: Em andamento / Azul: Não foram iniciados.

Fonte: Elaborado pela autora

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLOS, Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **A Produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo, SP: Contexto, 2011.
- CASTELLS, M. (1972). **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 4ª Ed.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano: notas teórico-metodológicas**. RJ, 1991
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática. 1993. 2ª ed.
- GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LENCIONI, S. **Condomínios industriais: um novo nicho dos negócios imobiliários**. 2011.
- MORAES, A. C.; COSTA, W. M. da. O ponto de partida: o método. In: _____. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. SP: Hucitec, 1984. P. 26-34.
- PEREIRA, P. C. X. **Agentes imobiliários e reestruturação: interesses e conflitos na construção da cidade contemporânea**. In: PEREIRA, P. C. X. (Org.). **Negócios imobiliários e transformações sócio-territoriais em cidades da América Latina**. São Paulo: FAUUSP, 2011
- RUFINO, M. B. C. . **Transformação da periferia e novas formas de desigualdades nas metrópoles brasileiras: um olhar sobre as mudanças na produção habitacional**. Cadernos Metrôpole (PUCSP) , v. I, p. 217, 2016.
- VASCONCELOS, P. de A; CORRÊA, R. L; PINTALDI, S. M. (Orgs.). **A Cidade Contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013.

**COMPLEXO LOGÍSTICO INTERMODAL PORTO SUL:
RECONFIGURAÇÕES TERRITORIAIS E PROCESSOS DE
REGIONALIZAÇÃO MINÉRIO-INDUSTRIAL NO SUL DA BAHIA (2008-2019)**

Linha de pesquisa: **Espaço, Cultura e Linguagens**

LORENA ANDREA TORRES HIGUERA

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia – UFES
Turma: 2018-I. E-mail: latorresh00@gmail.com
Orientador: Paulo César Scarim

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender desde uma perspectiva geográfica o processo de regionalização minério-industrial no centro-sul do estado da Bahia a partir da construção do Complexo Logístico Intermodal Porto Sul (CLIPS) no período 2008 - 2019. A perspectiva geográfica de análise da realidade é entendida como o estudo e a compreensão das inter-relações entre a sociedade e a natureza mediadas pela técnica, isto é, pela instrumentalização da racionalidade e da intencionalidade da sociedade sobre a natureza, materializada em objetos concretos e historicamente situados que determinam a transformação do espaço na passagem de uma natureza “natural” a uma natureza cada vez mais artificial (SANTOS, 2006).

Com dita finalidade foram propostos quatro objetivos específicos que viabilizarão dar resposta a seguinte pergunta problema: como compreender as reconfigurações territoriais geradas pela articulação da rede de infraestruturas que compõem o Complexo Logístico Intermodal Porto Sul no marco de um processo de regionalização minério-industrial no centro-sul do estado da Bahia no período 2008-2019?

Esses objetivos são: i) caracterizar as especificidades sociais, geográficas e históricas da região centro-sul do Estado da Bahia, especificamente dos municípios de Caetité e Ilhéus; ii) analisar o processo de implementação do Complexo Logístico Intermodal Porto Sul no período 2008-2019 desde uma perspectiva multidimensional e multiescalar; iii) reconhecer a integralidade, inter-relação e interdependência dos projetos Pedra de Ferro, a Ferrovia Oeste-Leste e o Porto Sul como infraestruturas que compõem o Complexo Logístico Intermodal Porto Sul e iv) identificar a posição que ocupa o processo de regionalização minério-industrial impulsionado pela construção do Complexo Logístico Intermodal Porto Sul no cenário de reprodução do capitalismo contemporâneo na América Latina.

Ao longo da pesquisa vai ser discutida a premissa de que a construção do Complexo Logístico Intermodal Porto Sul é um projeto chave na transformação do território centro-sul e sul baiano, com a intencionalidade concreta de consolidar uma região minério-industrial altamente articulada ao processo de acumulação e reprodução contemporânea de capital. Em termos espaciais, dito processo demanda a criação de espaços do capital, isto é, que são concebidos, gerenciados e transformados verticalmente segundo a lógica da mais-valia e as demandas do comércio mundial.

O Complexo Logístico Intermodal Porto Sul é um projeto de desenvolvimento e infraestrutura multimodal que articula o projeto de mineração de ferro, Pedra de Ferro, no município de Caetité; a Ferrovia Oeste-Leste (FIOL) que conecta o estado da Bahia com Tocantins— especialmente as cidades de Caetité e Ilhéus— e o Porto Sul, um terminal marítimo que será construído no distrito rural de Aritaguá, no litoral norte do município de Ilhéus. O CLIPS foi proposto no ano 2008 pelo governo estadual da Bahia, o governo federal e a iniciativa privada da empresa Bahia Mineração (BAMIN).

A complexidade deste objeto de estudo exige fazer uma análise abrangente, integral e interrelacional; com essa finalidade essa pesquisa será abordada desde o método materialista-dialético, partindo da noção de *totalidade*, que permite fazer uma ponte entre a realidade abstrata e a realidade concreta como parte de um mesmo processo interdependente, no qual o

abstrato (ou em termos escalares, o global) tem efeitos e simultaneamente é influenciado pelas particularidades do concreto (chame-se, regional, local). Nessa lógica dialética, o conceito de *região* dialoga com a totalidade devido a que permite compreender a diferenciação e as singularidades territoriais geradas por essa totalidade abstrata, fazendo uma passagem da unidade à multiplicidade, entendendo que metodologicamente, a noção de totalidade não pode nos levar a uma compreensão homogênea de seus efeitos sobre o espaço e os territórios.

Por outra parte, a questão da técnica é entendida como aquela rede de infraestruturas que modificam o território e que materialmente permite articular diversas escalas geográficas, o que viabiliza problematizá-la como um meio para alcançar o objetivo concreto de reconfigurar o território baiano como uma região e um polo minério-industrial. Num sentido amplo, a técnica é apreendida como o *conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e ao mesmo tempo, cria espaço* (SANTOS, 2006, p. 25). Na sua complexidade, a análise das infraestruturas e sua articulação como objetos técnicos permite reconhecer as heterogeneidades que residem numa forma desigual em que ditos objetos são inseridos no território e no espaço.

Na nossa perspectiva de análise, os objetos não são entendidos de forma isolada ou independente; pelo contrário, é compreendido que os objetos técnicos estão inseridos numa rede complexa de fixos e de fluxos onde não só se articulam uns com os outros, senão que também estão insertos e são resultado de um sistema de objetos e de ações sociais muito mais amplo. A técnica é concebida como um produto material, histórico e socialmente determinado, no sentido em que reflete no espaço um sentido e uma lógica concreta da sociedade que a produz (SANTOS, 2006).

O entendimento da rede de infraestruturas que se articulam no CLIPS como objeto técnico, implica compreender a sociedade e a lógica do sistema social no qual está inserido numa dupla determinação. Por um lado, a técnica é a materialização e a concretude que permite desenvolver a intencionalidade e os interesses de certos setores sociais, assim como também viabiliza a

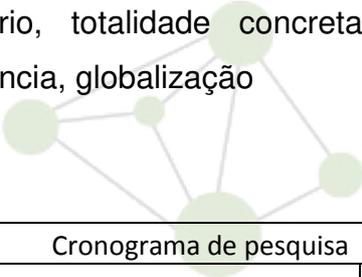
realização da vida e fornece determinadas necessidades humanas (que são historicamente produzidas); e por outro, é reflexo e resultado da forma em que uma sociedade concreta entende e se relaciona com a natureza.

A pesquisa é desenvolvida desde uma metodologia qualitativa, aplicando técnicas de coleta de dados como a revisão documental e de prensa e a consulta dos Inquéritos Civis Públicos do CLIPS disponibilizados no Ministério Público Federal da Bahia (MPF/BA). Além disso serão consultados os documentos dos processos de licenciamento ambiental dos projetos que compõem o CLIPS.

A metodologia do trabalho de campo está baseada em entrevistas semiestruturadas aplicadas a ativistas e atingidos pela implementação do CLIPS, assim como também serão feitas caminhadas de reconhecimento territorial das áreas mais atingidas em Caetité e Ilhéus.

Palavras chave: Território, totalidade concreta, região, objeto técnico, desenvolvimento, dependência, globalização

Cronograma de pesquisa

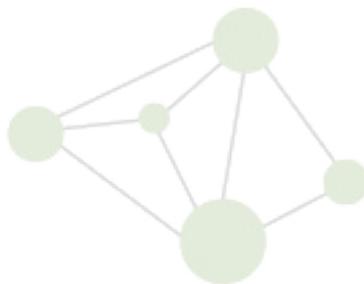


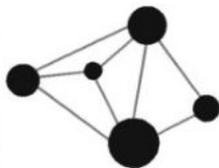
Cronograma de pesquisa					
		2018-I	2018-II	2019-I	2019-II
Etapas cumpridas	Revisão documental e de prensa				
	Consulta ICPs (MPF/BA)				
	Consulta documentos licenciamento ambiental				
	Primeiras aproximações a campo (Ilhéus)				
	Sistematização parcial dos dados				
	Reconhecimento territorial (Ilhéus)				
Etapas a serem cumpridas	Aplicação de entrevistas (Ilhéus e Caetité)				
	Aproximação a campo (Caetité)				
	Reconhecimento territorial (Caetité)				
	Sistematização dos dados				

Referências bibliográficas

- GOMES, Paulo Cesar da Costa. (1996). Geografia e modernidade. Editoria Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, Brasil.
- HAESBAERT, Rogério. (2010). Regional Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil.
- HARVEY, David. (2005). El “nuevo imperialismo”: acumulación por desposesión. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). Buenos Aires, Argentina.
- KOSIK, Karel. (2002) [1963]. Dialética do concreto. 2. Ed. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. Brasil.
- LEFEBVRE, Henri. (1979). Lógica formal, lógica dialética. Editoria Civilização Brasileira. Brasil.
- LEFEBVRE, Henri. (2006). A produção do espaço. Trad. Doralice Barros e Sergio Martins.
- MARINI, Rui Mauro. (1973). Dialética de la dependência. Ediciones Era.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. (2006). A globalização da natureza e a natureza da globalização. Edição Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, Brasil.
- ROCHA, Rui Barbosa da. (2017). Desenvolvimento territorial e licenciamento ambiental: o sul da Bahia com a FIOL e o Porto Sul. Em: *Licenciamento ambiental e governança territorial: registros e contribuições do seminário internacional*. Org. Marco Aurelio Costa; Leticia Beccalli; Sandra Silvia Pausen. Instituto Pesquisa Economica Aplicada (IPEA). Rio de Janeiro. Pp. 149-169.
- SANTOS, Milton. (2006) [1996]. A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. Coleção Milton Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (USP).

SANTOS, Milton. (2008). Espaço e método. Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). São Paulo, Brasil.





MULHERES, ESPAÇO E ALIMENTAÇÃO

LINHA DE PESQUISA: ESPAÇO, CULTURA E LINGUAGENS

LUIZA SANTOS ALVES

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.
Turma 2018. E-mail: luizaalves.geo@gmail.com
Orientador: Paulo Cesar Scarim

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo mostrar a importância do trabalho doméstico feminino (espaço privado), especificamente o preparo do alimento, para a produção do espaço urbano (espaço público) por meio de um viés feminista da Geografia. Para isso, é necessário compreender a construção da feminilidade e da família nuclear burguesa; a separação dos espaços público e privado e sua consequente dicotomia, presente na ciência geográfica. Tais processos foram fundamentais para a consolidação do sistema capitalista; incluem moldar o comportamento humano para o tempo do trabalho. O papel da mulher na sociedade foi moldado cuidadosamente ao longo da história, principalmente a partir da Idade Moderna, com destaque para a Revolução Industrial. A feminilidade, especificamente, foi planejada durante os séculos XVIII e XIX para a mulher burguesa europeia. O espaço dessa mulher foi reduzido ao espaço privado, ou seja, ao espaço doméstico. Porém, nem todas as mulheres da Europa do século XVIII pertenciam a essa classe; as mulheres pobres sempre trabalharam fora de casa. Do mesmo modo perpassa pela construção da feminilidade a formação e consolidação da família nuclear burguesa, que também chega às classes mais populares, pois são essas famílias as responsáveis pela reprodução da força de trabalho. Podemos incluir, ainda - além da expropriação das terras - a expropriação do corpo feminino, que passou a ser visto e utilizado somente para fins reprodutivos. As tarefas domésticas - como limpar, cozinhar e cuidar do outro - tornam-se obrigação exclusiva das mulheres. Essas funções passam, então, a serem desvalorizadas e invisibilizadas, além de não remuneradas. Ou seja, o trabalho doméstico, realizado no espaço privado, não é considerado trabalho produtivo, porém ele é essencial para o funcionamento do espaço público. Este é considerado na ciência mais importante que o espaço privado. É ao espaço público que a Geografia direciona suas pesquisas, em um claro favoritismo em relação ao privado. No entanto, as duas partes não funcionam de forma independente, são inter-relacionadas e complementares, e para se fazer uma pesquisa com um olhar feminino e feminista - como esta - é necessária a superação dessa dicotomia e que o olhar se volte ao espaço privado, ao microssocial, que é o espaço onde as mulheres atuam de forma central. Silva, Cesar e Pinto (2015) afirmam a importância para esta discussão que seja superada a dicotomia público x privado, na qual a primeira é privilegiada em relação à segunda, mesmo que eles sejam inter-relacionados e que um espaço faça parte do outro. Assim como outras narrativas hegemônicas, da mesma forma essa se construiu como

uma verdade inquestionável e acaba por impossibilitar a visibilidade da espacialidade feminina na ciência geográfica. Por isso consideramos o espaço aqui como Espaço Paradoxal, amplamente utilizado na Geografia feminista e que também critica a dicotomia entre o espaço público e privado, argumentando que há a vivência simultânea de várias espacialidades, e essas vivências se dão em relação aos outros, dependendo da posição de poder. O espaço e o sujeito não são neutros, são vividos e percebidos de diferentes formas. Logo, quando falamos em espacialidades de sujeitos que foram negligenciados pela ciência, como as mulheres, devemos utilizar um conceito que abarque toda a sua potencialidade. Se esses espaços são interdependentes, o ato de cozinhar, desde a escolha até a refeição em si, perpassa pelos espaços público e privado, reforçando que os mesmos não devem ser separados. Por isso, utilizaremos o conceito de Espaço Paradoxal, que contempla a vivência simultânea de várias espacialidades, considerando a posição de poder do sujeito em relação aos outros, que é variável. Podemos pensar em como a atividade que envolve preparar o alimento está ligada aos espaços público e privado; para adquirir o alimento, o espaço público é utilizado (feiras, supermercados) e para adquirir equipamentos necessários à sua preparação também (lojas de eletrodomésticos). Já o espaço privado, o lar, é onde são preparadas e onde se realizam essas refeições. E a preparação do alimento envolve um planejamento do cotidiano, ou seja, pensar em quantidades e combinações que não se repitam no dia a dia; além de ter ciência do que cada um gosta e a partir daí adquirir os produtos necessários.

Após a contextualização entre os fatores supracitados, há a necessidade de aprofundar os estudos em Geografia urbana, a fim de correlacionar a produção do espaço urbano com a atividade doméstica em questão. Também serão feitas algumas entrevistas e acompanhamento com mulheres que identifiquei uma relação de cuidado e amor com o outro através da comida. A ideia das entrevistas é de complementaridade à pesquisa. É preciso, ainda, levantar dados relacionados ao comportamento alimentar (POF, PNAD contínua) e da dedicação das mulheres e homens às tarefas domésticas, para fins de comparação e análise. Acerca da inter-relação entre Geografia e alimentação, trabalhos anteriores, as disciplinas realizadas e o acompanhamento do Geqa (Grupo de Estudos sobre a Questão do Alimento) garantem o devido suporte sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Feminilidade; feminismo; espaço geográfico; alimento; alimentação.

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Atividades / Semestre	01	02	03	04	05	06	07	08
Disciplinas	X	X						
Levantamento Bibliográfico	X	X	X					
Coleta de dados (IBGE)								
Trabalho de campo (entrevistas e acompanhamento)								
Sistematização dos dados								
Qualificação								
Análise de resultados								
Redação	X	X	X					
Defesa da tese								

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. Comida de mãe: notas sobre alimentação, família e gênero. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 19, n. 01, p.233-253, jul. 2008. Jan/jul.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 511-553.

KEHL, Maria Rita. A constituição da feminilidade no século XIX. In: KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. Cap. 1. p. 17-85.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, [s.l.], v. 1, n. 8, p.31-45, verão 2003.

SILVA, Joseli Maria; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; PINTO, Vagner André Moraes. Gênero e geografia brasileira: uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber. **Revista da Anpege**, [s.l.], v. 11, n. 15, p.185-200, 2015. ANPEGE - Revista.

PRZYBYSZ, Juliana. Capítulo 1 - Espaço, gênero e instituição de famílias monoparentais femininas. In: PRZYBYSZ, Juliana. **Articulando os espaços público e privado: transformações das espacialidades vividas por mulheres responsáveis pelo domicílio, após a dissolução conjugal na cidade de Ponta Grossa - Paraná**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa - Paraná, 2011.



Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia - 2019
Universidade Federal do Espírito Santo
17 a 18 de Junho de 2019
Vitória - ES

A Paisagem do Sagrado no Município de Vitória: um estudo sobre o Monte Horebe.

LINHA DE PESQUISA: Espaço, Cultura e Linguagens

MAICON LEMOS SATHLER

Mestrando do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.
 Turma 2018/01 E-mail: maiconsathler@gmail.com
 Orientador: Profª DRª ANA LUCY OLIVEIRA FREIRE

RESUMO

A pesquisa busca investigar a relevância dos processos de manifestação do sagrado no espaço do Morro da Gamela ou Monte Horebe, como é chamado na cidade de Vitória-ES, e seu trajeto de escalada na configuração de paisagem religiosa e cultural. Estudar o fenômeno da construção de mitos e práticas religiosas, toponímias, espaços simulacros e contornos histórico-culturais, transformações espaciais, e sua participação na constituição e construção na espacialização da cidade de Vitória-ES.

Monte Horebe, do hebraico é uma referência ao Monte Sinai, do grego (em árabe Jebel Musa, “Monte de Moisés”) está situado no sul da península do Sinai, no Egito. É um pico de granito com uma altitude de 2285 metros onde, segundo a Bíblia e a tradição judaica, Moisés recebeu as Tábuas da Lei.

O Monte Horebe, na cidade de Vitória foi se diferenciando e se configurando como um espaço de manifestação do sagrado ao longo de poucas décadas. Num fluxo de peregrinos, que na prática criam uma nova territorialidade.

Portanto, uma territorialização, próprias de um espaço numa fusão antagônica do tempo da vida urbana com o tempo do sagrado, que combinados se tornam modeladores deste espaço, dentro da cidade, através da hierofania, Eliade (1961).

Avançamos na abordagem do espaço sagrado no contexto da peregrinação religiosa. As experiências desse espaço, que não refutam imaterialidades e representações simbólicas, respectivas a ele e influentes no cotidiano de cada fiel, assim como, sua propagação como espacialidade.

Essa irradiação religiosa é vista então, não apenas como complemento religioso e de um sagrado que ele carrega. Mas, projetando marcas no território e na territorialidade; uma percepção da paisagem e vivência do espaço, como pertencente ativa de sua transformação.

Observamos laços profundos entre a religião e o espaço que cerca cada indivíduo, conferindo a ele sua própria interpretação, formulando a partir daí mais questionamentos, ampliando assim, tanto a necessidade de compreender-se como de desvendar as suas relações com os outros humanos e o meio físico que o cerca.

Como a cidade, que se consolida a nosso ver, também através de percepções e simbolismos, e ao entender como o arcabouço material da experiência religiosa, vivido e manifestado através de práticas, onde há conexão entre o sagrado e o meio é observado numa prática em especial, a hierofania.

Com bases teóricas e metodológicas encontradas em Mircea Eliade, e na geografia humanista inicialmente, no tocante ao entendimento de conceitos como peregrinação e santuário.

Porém sem ignorar a interdisciplinaridade necessária para compreensão deste fenômenos geográficos, aonde ou humano e o vivido dialogam com o sagrado. E sendo assim, um diálogo entre a geografia da religião e a geografia cultural.

Palavras-chave: espaço sagrado; hierofania; paisagem; peregrinação; fé.

Fases da pesquisa

2018

Orientação e adequação do projeto de pesquisa. Março a Setembro.

Levantamento bibliográfico. Março a Dezembro.

Cumprimento das disciplinas do mestrado. Março a Maio e Agosto a Dezembro.

Realização da primeira pesquisa de campo. Dezembro.

2019

Análise de dados e qualificação. Julho a Agosto

Publicação conjunta com orientador. Março a Setembro.

Categorização, tabulação e interpretação dos dados. Março a Novembro

Redação preliminar. Março a Novembro.

Redação final. Novembro.

Defesa da Dissertação. Dezembro.

Etapas a serem cumpridas

1 Revisão bibliográfica.

2 Mapeamento morros e espaços considerados sagrados na Grande Vitória.

3 Selecionar aqueles espaços que atendem à proposta da pesquisa.

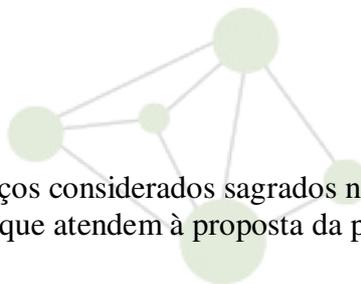
4 Trabalho de campo.

6 Aplicação de entrevistas no entorno do Morro da Gamela.

7 Confeção de mapas, tabelas e gráficos.

8 Tabulação dos dados.

9 Edição de imagens.



REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa, São Paulo: M. Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião, Curitiba: IBPEX, 2008.

OTTO, Rudolf. O sagrado. Lisboa: Edições 70, 1992.

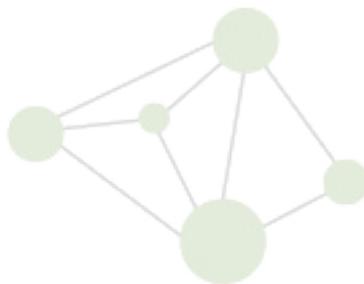
ROSENDAHL, Zeny. Espaço e Religião: Uma abordagem Geográfica. Rio de Janeiro: EDUERJ/NEPEC, 2002.

ROSENDAHL, Zeny. Hierópolis: O Sagrado e o Urbano. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço, Técnica e tempo. Razão e Emoção. 4 ed. 7. Reimpr. São Paulo: EDUSP,2012.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. 218 p.

TUAN, Yi-Fu. Topoflia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL.1980.

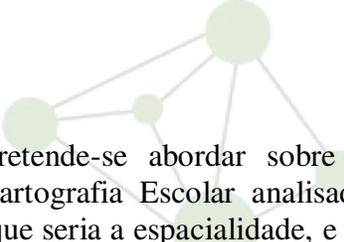


LINHA DE PESQUISA: ESPAÇO, CULTURA E LINGUAGENS.

**AS POTÊNCIAS DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
ACESSÍVEIS NOS PROCESSOS DE MAPEAMENTOS DA ATUALIDADE: DESAFIOS
DA CARTOGRAFIA ESCOLAR.**

Patrícia Silva Leal Coelho

RESUMO



Nesta proposta de projeto pretende-se abordar sobre questões que tratem a respeito do mapeamento bem como da Cartografia Escolar analisada a partir do viés da espacialidade, entendendo, primeiramente, o que seria a espacialidade, e como ela aparece, ou não, diante desta temática, baseada em autores como Doreen Massey, Verônica Hollman, Wenceslao Oliveira Junior, Tânia Sêneme do Canto, Denis Wood, entre outros. Debate-se também os modos como a espacialidade é cercada por diversas questões institucionais, tais como pelos PCNs (Planos Curriculares Nacionais), ou pelo PNLD (Plano Nacional do Livro Didático. Procura-se entender como, como o ensino da Geografia, e em especial o da Cartografia Escolar, são afetados. Não apenas a questão do ensino mas como os modos de ver e viver o cotidiano sofrem atravessamentos a partir das normatividades estabelecidas por esses órgãos. Debate-se como alguns dispositivos (tais como o uso de novas tecnologias de comunicação acessíveis podem se tornar elementos de fuga, nas questões já cristalizadas, pelo debate). Acrescenta-se uma pequena revisão bibliográfica feita sobre a abordagem do assunto, além das problemáticas e hipóteses da pesquisa e demais componentes do projeto de pesquisa.

Os mapas, além de estarem no ambiente escolar, assim como os processos de espacialização, estão no cotidiano das populações, seja no uso de um aplicativo de mobilidade urbano - que são digitais, seja na localização de áreas específicas dentro de um evento social.

Logo pode-se entender que na contemporaneidade, é importante pensar a Cartografia e seus processos, pois: “A cultura oral, a cultura escrita, a cultura visual, audiovisual, eletrônica – com suas virtudes e suas limitações – intervém nos modos em que interpretamos e aprendemos, e nos modos em que nos posicionamos no espaço e no tempo [...]” (HOLLMAN, p. 1, 2010)

No que diz respeito às imagens criadas a partir do contato que se tem com a Cartografia representacional, o enfoque é dado aos devires. Ora, trata-se aqui daquilo que potencializa e permite o pensamento e as construções do processos variarem. Logo, admitindo a Cartografia, como algo distante das realidades/cotidianos dos coletivos, é o mesmo que separar as vivências, da potencialidade de apresentação dessas realidades de várias formas distintas. Segundo Oliveira Jr, sobre as diferentes experimentações com a cartografia: “[...] fazer experiências e proposições de como poderíamos e podemos lidar com as imagens de outras maneiras de modo a desacostumar, a nós mesmos e aos professores e alunos de maneira geral, os sentidos e significados que damos a elas” (p. 304, 2010).

Com base nessa e em outras discussões, elaboraram-se duas possíveis problemáticas:

1. Como a Cartografia Escolar é produtora de cristalização do conhecimento cartográfico? Por que o professor só consegue enxergar a cartografia endurecida?
2. São de fato os documentos oficiais, revestidos dos processos de institucionalidade, os responsáveis pelo endurecimento da Cartografia, nos processos de ensino e aprendizagem da Cartografia Escolar, na Educação Básica?

O Objetivo geral é identificar como as novas tecnologias de informação e comunicação interferem na produção e reprodução da espacialidade, trabalhando com a variedade, como forma de articulação, não descartando os modos tradicionais de mapeamento, mas destacando que o estático dá conta de uma forma de apresentação do espaço, que carece de multiplicidade de formas, a fim de que possa ser compreendido.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES		
Semestre	Mês	Atividade
1°	Março à Junho	Início das disciplinas obrigatória e leitura da bibliografia indicada pela orientadora
	Julho	Início da escrita referente a revisão feita junto à orientadora. Conclusão das disciplinas do primeiro Semestre. Participação do Seminário Interno da PPGG.
2°	Agosto - Novembro	Início das disciplinas do 2° Semestre. Reunião com a orientadora e primeiras discussões feitas a partir das leitura e construção teórica. Início de construção de artigo para publicação em Revista.
	Dezembro	Envio do artigo para publicação. Reunião de orientação para verificar encaminhamentos da escrita. Finalização das disciplinas do 2° semestre.
3°	Fevereiro	Retomada das atividades e o organização da escrita para os próximos meses junto à orientadora. Início da organização das atividades empíricas, junto ao grupo onde a mesma será estudada.
	Março – Junho	Início dos mapeamentos colaborativos com o uso dos dispositivos de comunicação.
	Junho ou Julho	Apresentação no seminário Interno da PPGG os encaminhamentos dados até o momento.
4°	Agosto - Dezembro	Etapa 2 dos mapeamentos colaborativos. Reuniões de leitura e análise das produções e verificação do uso dos dados na

		pesquisa. Adequação da pesquisa às experimentações.
5°	Fevereiro	Início da preparação para a pré qualificação.
	Março – Junho	Entrega de versão do texto para pre qualificação.
	Julho	Seminário Interno da PPGG
6°	Agosto - Dezembro	Qualificação. Após a qualificação, organização, correção e adequação da pesquisa aquilo que fora colocado pela banca a respeito da pesquisa. Finalização da parte das experimentações.
7°	Fevereiro - Junho	Escrita final. Organização, releitura e revisão gramatical do texto para a entrega.
8°	Julho - Dezembro	Entrega das vias junto a PPGG e marcação, de acordo com a orientação, da defesa. Após a defesa, correção dos itens orientados pela banca, nova revisão gramatical. Início dos procedimentos documentais e entrega da versão final junto ao programa.

Referências

ALMEIDA, C. G. F. LANZA. R. **Deriva Cartográfica: ação-paixão-participação**. In: Imagens, Geografias e Educação: intenções, dispersões e articulações. FERRAZ, C. B. O. NUNES, F.G. (Org.). Dourados-MS : Ed. UFGD, 2013.

ALMEIDA, R. D. de. (Org.) **Novos rumos da Cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2012.

BAUMAN, Z. **Globalização: As Conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Programa Nacional do Livro Didático**. Brasília: MEC/FNDE, 2017.

CANTO, T. S. **A cartografia na era da cibercultura: mapeando outras geografia no ciberespaço**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista de Rio Claro – Instituto de Geociências e Ciências Exatas: Rio Claro, 2010.

_____. **Sobre como mapas se tornam mapas e a educação geográfica na contemporaneidade**. Revista Terra Livre, Ano 30, Vol. 2, nº45, p. 13 - 30, 2017.

COSTA, Rogério Haesbaert. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 7ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DEL CASINO JR, V. J. HANNA, S. **Beyond The ‘Binaries’: A Methodological Intervention for Interrogating Maps as Representational Practices**. ACME: An International E-Journal for Critical Geographies, 4 (1), 34-56, 2006.

HOLLMAN, Verónica. **Imágenes, miradas e imaginarios geográficos del mundo em la Geografía escolar en Argentina**. Disponível em: <http://uniciencia.ambientalex.info/revistas/301aug5578.pdf> Acessado em: 26 de outubro de 2017

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L. da (Org). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

KITCHIN, R.; DODGE, M. **Rethinking maps**. Progress in Human Geography, v. 31, n. 3, p. 331-344, jun. 2007. Disponível em: <http://phg.sagepub.com/cgi/content/refs/31/3/331> . Acesso em 17 de outubro de 2017.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo. Ed.34, 2011

MASSEY, D. **Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações**. *GEOgraphia* – Ano 6. Nº12, 2004.

_____. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MATURANA, H. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014

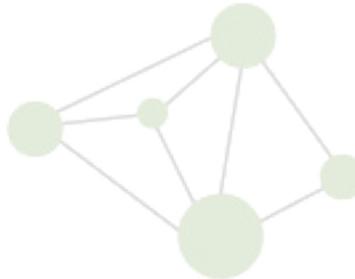
OLIVEIRA JR, W. M. Combates e experimentações: Singularidades do Comum. In: FERRAZ, C. B. O; NUNES, F.G. (Org). **Imagens, Geografias e Educação: intenções, dispersões e articulações**. Dourados -MS: Ed. UFGD, 2013.

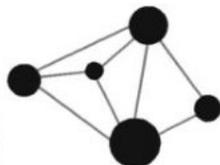
PICKLES, J. **A history of spaces: cartographic reason, mapping and the geo-coded world**. New York: Routledge, 2006

SEEMAN, J. **Subvertendo a cartografia escolar no Brasil**. Revista Geografares, nº12, p.138-174, Julho, 2012.

SOUSA, P. V. B. de. **Cartografia 2.0: Pensando o Mapeamento Participativo na Internet**. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/464/280> Acessado em: 20 de outubro de 2017.

WOOD. D. **Cartography is dead (Thank god!)**. Cartographic Perspectives, NACIS, n.45, 2003, p. 4 – 7.





A CIDADE, AS CIDADES: cenas cotidianas e narrativas de um transeunte

LINHA DE PESQUISA: Espaço, Cultura e Linguagens
RAFAEL HENRIQUE MENEGHELLI FAFÁ BORGES

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFES.
Turma 2018. E-mail: rafaelfafaborges@gmail.com
Orientador: Dr. Antônio Carlos Queiroz Filho

RESUMO

A experiência cidadina nas grandes cidades contemporâneas tem sido pautada pelo individualismo, impessoalidade, insegurança e pela velocidade. Esta última a cada dia mais tem conduzido nosso dia-a-dia, e não só nossos deslocamentos e comunicações, mas a forma como olhamos, nos relacionamos e interagimos com as outras pessoas e com a própria cidade. Nosso olhar rápido e acostumado, invisibilizam fluxos de grande importância para a construção e experiência das pessoas e das cidades. Sendo a Geografia uma ciência interessada em discutir e compreender os processos que formam e transformam o urbano, faz-se necessário investigar não só aqueles que se destacam por sua repetida ação, mas também outros que coexistem e tensionam tais paradigmas da vida atual.

Autores como Jorge Larrosa (2015), Robert Moses Pechaman (1994), Carlos Queiroz (2015), Paul Virilio (2014), entre outros, discutem as consequências de uma vida apressada e as implicações disso em nossa experiência cidadina, ao mesmo tempo que nos colocam a pensar que maneiras outras de entrar em contato com a cidade, que façam variar essa maneira automática e repetida, podem potencializar experiências diferentes, novas relações, conexões e conhecimentos.

Este trabalho tem como objetivo investigar como a variação de formas de se expor a cidade pode mobilizar diferentes experiências cidadinas e nos fazer entrar em contato com outras versões e narrativas da cena urbana que escapam dessa lógica individualista, indiferente, insegura e veloz que tem marcado o habitar a cidade.

Para alcançar este objetivo, algumas etapas e procedimentos se fazem necessários como uma revisão bibliográfica para entender como a Geografia tem discutido e trabalhado a exposição à cena urbana. Pesquisar autores que discutem sobre maneiras de se expor a cidade, que diferem da forma automática e repetida, e como isso potencializa o contato com a pluralidade e a diversidade cidadina, bem como autores que se empenham em estudar a cidade a partir do que a faz, a constitui, a partir das suas relações, das suas conexões; autores que estudam a cidade a partir da proximidade e da relação direta com seus cidadãos e elementos urbanos. Podemos citar como autores

importantes desta pesquisa e que estão alinhados a essas perspectivas que colocamos aqui como basilares deste trabalho os seguintes nomes: Michel Agier (2011), Massimo Canevacci (2004), Francesco Careri (2013), Doreen Massey (2008), Gonçalo Tavares (2017), entre outros.

Após a revisão bibliográfica e uma fundamentação teórico-metodológica acerca dos temas principais deste trabalho, podemos então começar a preparar o campo. Essa preparação não está voltada somente para a parte técnica, operacional, tais como: escolher onde será o campo, quais horários, dias, o que levar, mas, está relacionada, também, às formas como iremos nos expor a cena urbana, as maneiras como iremos escolher para fazer variar o contato apressado e automatizado e potencializar outras narrativas e dizeres citadinos. É o momento também de selecionar autores e metodologias que irão nos fundamentar para pensar nossas experiências de campo. Então, a etapa de preparação do campo é uma etapa tanto técnica, quanto teórica.

Após a preparação, temos a etapa do campo. Esta é uma etapa experimental, pois iremos definir alguns parâmetros e protocolos de experiência para nossas exposições à cena urbana, mas não podemos, e nem queremos, definir ou prever o que surgirá dessa relação. Podemos apenas experimentar e refletir, como nos aponta o filósofo Jorge Larrosa (2015), sobre o que nos passou, o que nos aconteceu e o que nos tocou.

Após as experimentações de campo, uma etapa importante deste trabalho e que se faz necessário discutir e refletir, é a escolha de uma linguagem para dizer sobre nossas experiências de campo de modo que evidencie o caráter plural, relacional e múltiplo da cidade e das vivências que tivemos ao longo da pesquisa. Dessa forma, este trabalho se preocupa em pensar maneiras outras de se expor à cena urbana de modo a potencializar o contato com outros dizeres e narrativas citadinas, bem como está preocupado em discutir a forma como apresentamos, contamos, dizemos sobre essas experiências urbanas.

PALAVRAS-CHAVE

Cidade; experiência; exposição; experimentação.

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Etapas	2018		2019		2020		2021	
	1º semestre	2º semestre	3º semestre	4º semestre	5º semestre	6º semestre	7º semestre	8º semestre
Ajustes no projeto	x							
Disciplinas	x	x	x					
Revisão Bibliográfica	x	x	x	x				
Escrita sobre a revisão Bibliográfica			x	x				
Publicação*		x	x					
Seminário Interno PPGG			x					
Planejamento do trabalho de campo				x				
Ida a campo				x				
Analisar, refletir e escrever sobre a ida a campo				x				
Qualificação					x			
Publicação						x	x	
Outras Idas a Campo					x	x	x	
...								
Defesa								x

As cédulas marcadas são as etapas já cumpridas

*A publicação prevista para o 2º ou 3º semestre já foi enviada e aceita, está no prelo para ser publicada.

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos.** Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana.** Tradução de Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** Tradução de Frederico Bonaldo. São Paulo: G. Gili, 2013.

COLE, Teju. **Cidade Aberta.** Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

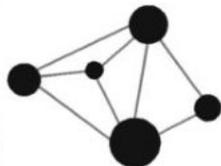
LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência.** Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade.** Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. **Sentidos à Mesa: o sabor da linguagem e da paisagem quando a poesia está posta.** Geografias (UFMG), v. 11, p. 24-43, 2015.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a Linguagem: Educar.** Tradução de Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TAVARES, Gonçalo M. **O Torcicologologista, Excelência.** Porto Alegre: Dublinense, 2017.



A VERTICALIZAÇÃO LITORÂNEA EM VILA VELHA/ES

LINHA DE PESQUISA: Espaço, Cultura e Linguagens

SCHIRLEY HOLZ

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Em Geografia – UFES.
Turma 2018. E-mail: schirley.holz@gmail.com
Orientador: Luís Carlos Tosta dos Reis

RESUMO

A pesquisa dedica-se ao tema da verticalização litorânea na cidade de Vila Velha/ES, município que integra a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), problematizando, mais especificamente, a extensão da orla formada pelos bairros da Praia da Costa, Itapoã e Praia de Itaparica, incluindo parte do bairro Jockey de Itaparica. Essa área conheceu um expressivo aumento do número de edifícios verticais, especialmente a partir da década de 1980, resultando na excepcional transformação da paisagem litorânea. Para compreender o fenômeno da forma como se deu em Vila Velha é preciso contextualizar a verticalização na área metropolitana da Grande Vitória, ainda que no período que marca a intensificação da verticalização em Vila Velha a RMGV não estivesse efetivamente constituída. Nesse sentido, a cidade de Vitória, capital do estado, é o local onde manifestou-se inicialmente o fenômeno da verticalização a partir da década de 1940, com a construção por encomenda de edifícios para aluguel e, nas décadas posteriores, com a construção de prédios de apartamentos para venda. A partir da década de 1970 tem início a verticalização litorânea para uso residencial, verificada de modo significativo, a princípio, no bairro da Praia do Canto, localizado na porção norte da capital capixaba, e intensificando-se sensivelmente nas décadas subsequentes. Em função de fatores intrínsecos à dinâmica da produção do espaço urbano local, que serão considerados no desenvolvimento da pesquisa, a compreensão do processo de verticalização na orla de Vila Velha está diretamente relacionada com a dinâmica da verticalização na capital capixaba e, em certa medida, poder-se-ia sugerir que, no decurso da constituição da metrópole capixaba, se constata a emergência de um amplo setor do fenômeno da verticalização litorânea que envolve bairros na orla de Vila Velha e de Vitória. Considerando o desenvolvimento da verticalização na RMGV nas últimas décadas, especialmente no município de Vila Velha onde se verificou intensa atividade do mercado de construção de edifícios, essa pesquisa objetiva responder “como se deu a transformação espacial da porção litorânea dos bairros Praia da Costa, Itapoã e Praia de Itaparica? Em outras palavras “qual a dinâmica espaço-temporal da verticalização nesse trecho da orla urbanizada de Vila

Velha?”. A questão busca compreender o fenômeno da verticalização ocorrido no município de Vila Velha como processo, resultado da interação de diferentes agentes sociais que atuam no espaço urbano ao longo do tempo, ou seja, trata-se de uma questão essencialmente geográfica, uma vez que articula a espacialidade e a temporalidade da verticalização. Desdobrando-se as questões centrais dessa pesquisa, pretende-se identificar a gênese da verticalização no município e os períodos de maior e menor intensidade do processo, bem como os fatores que poderiam ser destacados como elementos básicos na instauração de dinâmicas de intensificação e/ou retração da verticalização. Interessa ainda compreender como os diferentes agentes produtores de espaço atuaram e atuam no processo de verticalização desde a sua gênese até o período atual, destacando a atuação do Estado por meio da regulação jurídica e decisões político-administrativas, os agentes sociais excluídos, dentre os quais destaca-se o grupo de pescadores da colônia de Itapuã, os promotores imobiliários, na figura de construtoras, incorporadoras e corretoras com atuação no município e ainda os proprietários fundiários, a princípio algumas famílias donas das áreas que foram sendo loteadas ainda no início do século XX. Para responder as questões propostas na pesquisa estão sendo coletados dados, por meio de trabalho de campo, de edifícios com mais de cinco pavimentos construídos na área de estudo. Os dados coletados correspondem ao nome do edifício, logradouro, bairro, ano de construção, número de pavimentos, número de unidades por andar e construtora. Esses dados serão organizados em mapas e planilhas a fim de demonstrar a distribuição espacial e a temporalidade da verticalização nos bairros da orla. Os aportes teórico-conceituais utilizados para responder os questionamentos são expressos nos conceitos de agentes sociais produtores de espaço urbano, especialmente os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os agentes sociais excluídos, que atuam permeados pela lógica da produção e reprodução capitalista do espaço urbano. Será utilizada também a paisagem enquanto categoria de análise geográfica de forma que se ultrapasse a mera aparência, buscando chegar ao significado do que os olhos alcançam. Por fim, a pesquisa, espera-se, fornecerá dados e constatações acerca do fenômeno da verticalização e, conseqüentemente, da atuação do mercado imobiliário no município de Vila Velha, tendo em vista o seu contexto na metrópole capixaba.

PALAVRAS-CHAVE

Verticalização litorânea; mercado imobiliário; agentes produtores do espaço; espaço urbano; paisagem; RMGV.

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

ATIVIDADES	2018												2019												2020		
	1º SEMESTRE						2º SEMESTRE						1º SEMESTRE						2º SEMESTRE								
	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR		
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●															
CUMPRIMENTO DOS CRÉDITOS	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●															
ELABORAÇÃO PLANILHA DE CAMPO													●	●													
COLETA DE DADOS EM CAMPO													●	●	●	●	●										
ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS															●	●	●	●									
EXAME DE QUALIFICAÇÃO																	○	○									
REDAÇÃO DA DISSERTAÇÃO															●	●	●	●	●	●	●	●	●	●			
DEFESA DA DISSERTAÇÃO																										○	○

ATIVIDADES EXECUTADAS: ●
 ATIVIDADES EM ANDAMENTO: ●
 ATIVIDADES A EXECUTAR: ○

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira. **A construção da cidade**. Formas de produção imobiliária em Vitória. Vitória: Florecultura, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

GOMES, Eduardo Rodrigues. **A geografia da verticalização litorânea em Vitória**: o bairro Praia do Canto. Vitória: GSA/PMV, 2009.

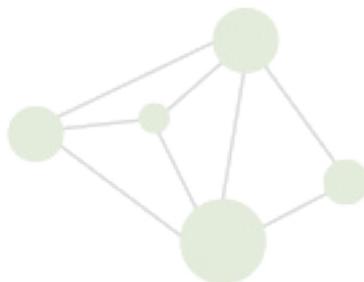
SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**. São Paulo: Edusp, 1997.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

SOUZA, Maria Adelia Aparecida. **A identidade da metrópole**: a verticalização de São Paulo. São Paulo: Edusp, 1994.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.





Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia - 2019
 Universidade Federal do Espírito Santo
 17 a 18 de Junho de 2019
 Vitória - ES

FESTAS, ALIMENTOS E COMUM: TERRITÓRIO E CULTURA NA FOZ DO RIO DOCE

LINHA DE PESQUISA: Espaço, Cultura e Linguagens

Vítor Mendes Goulart

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFES.

Turma 2018. E-mail: mgoulartvitor@gmail.com.

Orientador: Paulo César Scarim.

RESUMO

O presente trabalho parte da ideia de que o mundo em que vivemos se configura de forma hegemônica, como efeito de uma racionalidade que se pretende universal (LEFEBVRE, 1991. DARDOT e LAVAL, 2017). Um dos traços marcantes desse período é a sua tentativa de penetração e controle de todos os aspectos da vida social. Nossos tempos, nossos lugares, de alguma forma passam por uma normatização ou uma subordinação aos ritmos e ditames da acumulação capitalista, ou qualquer outro nome que queiramos dar a esse momento de catástrofe e crise permanente.

Porém, essa racionalização não é e nem pode ser concretizada de forma completa, do contrário não acreditamos que haveria vida, tal como a conhecemos.

Se o capital vencesse, seria tempo de lamentar nossa época de ouro, poderíamos então olhar para trás de nós e ver, como uma luz que se apaga, tudo o que a terra teve de doce e bom, o amor, a alegria, a esperança. A Humanidade teria deixado de viver (RECLUS, 2002, p. 80).

Existem relações produzidas a partir de outras lógicas espaço-temporais que se distinguem da normativa hegemônica. Não acreditamos que essas outras lógicas existam independente da racionalização a que nos referimos, mas que se organizam de forma que não exista uma completa submissão as oscilações do Capital ou do Estado.

As festas que serão apresentadas aqui se mostram como “janelas”, como resistências persistentes e criativas que não se deixam confinar, que não se submetem, que operam por vias distintas da racionalidade do lucro e da “eficiência”. “Como se houvesse uma intenção de lembrar que a vida não se fecha em uma única dimensão imposta pela Rentabilidade ou a Organização” (DUVIGNAUD, 1983, p. 21). A forma de existência desses fenômenos opera segundo uma racionalidade outra (por outros sistemas de valores, significados, éticas e estéticas), que se preocupa com o comum, com aquilo que escapa a um rígido controle externo.

Não estamos falando aqui de qualquer festa, mas de tipos específicos de festas. Nosso interesse se baseia em manifestações festivas que possuem organizações e modos de produção comunitários, com finalidades comuns.

Existem inúmeras formas de festejar e de organizar um evento festivo, mas afinal o que entendemos enquanto Festa? Será possível reunir fenômenos tão múltiplos em um conceito? Acreditamos que sim. Pensemos por exemplo, que todo e qualquer conceito se refere a um conjunto de fenômenos múltiplos, mas que a partir de fundamentos e características partilhadas conseguimos reunir em uma palavra a ideia geral desses fenômenos. “Nenhum vale é exatamente igual a outro vale; nenhuma cidade uma réplica exata de outra cidade” (SAUER, 1998 [1925], p. 24). Acrescentamos: nenhuma festa é igual a outra festa.

A concepção adotada nesse trabalho é a da festa enquanto um sustento da vida social, algo inerente aos coletivos humanos e importante alimento para os corpos individuais e coletivos. Essa alimentação é proveniente de várias fontes, podendo começar com as próprias comidas e bebidas que são essenciais e também elementos de aproximação entre as pessoas. Os alimentos possibilitam o contato social, as trocas interpessoais, a coletivização de saberes.

Se pensarmos numa ampliação do conceito de alimentação, podemos estendê-la para além do âmbito fisiológico ou nutricional, propriamente dito. Nossos corpos não dependem unicamente de nutrientes presentes nos grãos, carnes, vegetais etc. A rigidez da vida cotidiana nos comprime, nos disciplina, nos enquadra, nos classifica e nos individualiza, a quebra cotidiana representada pelos tempos e espaços festivos, são tão essenciais quanto o comer. Obviamente, esse último é o fundamento da vida de qualquer organismo e não podemos deixá-lo de fazer por ser uma exigência vital, porém, assim como não existem grupos humanos que não comem, também não existem aqueles que não possuam um momento de Festa.

As festas que são objeto de nosso estudo, se localizam na Foz do Rio Doce, mais precisamente na vila de Regência Augusta em Linhares-ES. O encontro do Rio Doce com o Oceano produz um lugar emblemático, com bancos de areia escondidos e violência das ondas marítimas. Esse lugar já foi palco de muitos acidentes com embarcações desde o início da colonização, hoje é um reconhecido “pico” de surf e atrai pessoas do mundo todo. Com uma rica história e tradição cabocla, esse território possui festas que costumam celebrar santos católicos e o herói Caboclo Bernardo.

A escolha desse recorte espacial não é por acaso: Regência vem sendo perturbada por projetos econômicos desde pelo menos a década de 1980 com a chegada da Petrobras e, conseqüentemente, sofrendo impactos diretos no seu modo de vida e na sua cultura. O último grande impacto nesta vila se deve ao que ficou conhecido como o “Crime da Samarco”, que contaminou o Rio Doce e desolou temporariamente a vida da comunidade. Mesmo com tudo isso, Regência se mostra viva e festiva. Por mais sofrido que tenha se tornado a vida das pessoas nos últimos anos, as festas tradicionais não deixaram de ocorrer, é verdade que não acontecem da mesma forma que antes, mas estão em movimento, se reinventando e se ressignificando.

Sendo assim, para encaminhar a pesquisa traçamos os seguintes objetivos:

- Realizar um aprofundamento bibliográfico sobre os conceitos de Festa, Cultura e Território, priorizando autores da geografia, sociologia e antropologia;

- Investigar os impactos sofridos ao longo dos anos nas festas tradicionais da vila, destacando sobretudo impactos provenientes de agentes externos e suas consequências na Festa do Caboclo Bernardo, Festa de São Benedito e Santa Catarina e na Festa de São Sebastião;
- Identificar o caráter comum das festas proporcionado principalmente pela alimentação e a fé religiosa;
- Verificar de que maneira se organizam os festejos e quais agentes estão em disputa pelo controle dos eventos festivos.

A partir dos objetivos mencionados, nossa metodologia se baseia nos seguintes pontos:

- Revisão bibliográfica;
- Trabalhos de campo;
- Entrevistas;
- Fotografias.

Tendo em vista que a pesquisa se encontra em andamento, foram realizadas nove visitas a campo, seis entrevistas gravadas e seis participações em edições das festas citadas acima. Os resultados preliminares da pesquisa serão aprofundados e discutidos no VIII Seminário do PPGG, além de alguns elementos já destacados nesse texto.

PALAVRAS-CHAVE

Festas; alimentação; Regência Augusta; comum.

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Segue como metas e cronograma para o desenvolvimento da pesquisa e do curso de mestrado:

- 1 – Cursar as disciplinas referentes ao Programa de Pós-Graduação em Geografia e também cursar disciplinas em outros programas de pós-graduação. Essa etapa está sendo realizada desde março de 2018 e acaba no fim do primeiro semestre de 2019;
- 2 – Levantamentos e aprofundamentos bibliográficos referentes ao tema deste estudo. Essa fase se estende desde o início do curso (março de 2018) até a conclusão que está prevista para março de 2020;
- 3– Trabalhos de campo priorizando as datas em que ocorrerão as festividades tradicionais; entrevistas e produção de material fotográfico. Essa etapa será finalizada em janeiro de 2020;
- 4– Análise e discussão dos levantamentos obtidos, possibilitando um entendimento mais analítico sobre o tema. Essa etapa compreende todo o período de aprofundamento bibliográfico e trabalhos de campo;
- 5– Exame de qualificação. Previsto para agosto ou setembro de 2019;
- 6– Defesa da dissertação. Previsto para março de 2020.

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”**. 2001.

BAHIENSE, Norbertino. **O Caboclo Bernardo e o Naufrágio do Imperial Marinheiro**. [Vitória, ES?], 1948.

CLAVAL, Paul. **A Festa Religiosa**. Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 8, n. 1, p.06-29, abr/2014.

DARDOT, P. LAVAL, C. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DI MÉO, Guy. **Cap. 2 – Festa e Construção Simbólica no Território**. Revista PLURAIS – Virtual – V. 4, n.1 – 2014 – ISSN: 2238-3751

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

LEFEBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

RECLUS, Élisée. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2014. 384 p.

SAUER, Carl O. **A morfologia da paisagem**. In: Paisagem, Tempo e Cultura. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 (1925).

